

A PRIMEIRA  
PRESIDENCIA  
Spencer W. Kimball  
N. Eldon Tanner  
Marion G. Romney  
CONSELHO  
DOS DOZE

Ezra Taft Benson  
Mark E. Petersen  
LeGrand Richards  
Howard W. Hunter  
Gordon B. Hinckley  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie  
L. Tom Perry  
David B. Haight  
James E. Faust

COMITE DE  
SUPERVISÃO  
M. Russell Ballard  
Rex D. Pinegar  
Charles A. Didier  
George P. Lee  
EXECUTIVO DO  
INTERNATIONAL  
MAGAZINE  
M. Russell Ballard  
Editor;

Larry Hiller,  
Editor Gerente;  
Carol Larsen,  
Editor Associado;  
Roger Gylling,  
Desenhista  
EXECUTIVO DE  
«A LIAHONA»  
Danilo Talanskas,  
Diretor Responsável;  
Paulo Dias Machado,  
Editor;  
Victor Hugo C. Pires,  
Seção Infantil  
Connie Wilcox  
Assinaturas;  
Orlando Albuquerque,  
Supervisor de Produção.

# A Liahona

JUNHO 1980 PBMA0460PO  
S. PAULO — BRASIL

## HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:  
"Cala o Debate", Presidente N. Eldon Tanner
- 3 Tenho uma Pergunta, Dr. Homer Ellsworth
- 6 A Vida é uma Missão, John H. Groberg
- 8 Um Cego Ajudou-me a Enxergar, Arthur S. Anderson
- 11 Uma Missão a Dois, Marvin Kent Gardner
- 18 Antes de Chamar o Médico, Suzanne Dandoy
- 21 Obedeça a Todas as Regras, H. Kent Rappleye
- 24 Sua Vida tem um Propósito, Bispo H. Burke Peterson
- 26 O Poder do Exemplo, Charles A. Didier
- 28 Decida Agora não Transigir, Archi M. Brugger
- 30 Um Carrinho Cheio de Ofertas de Jejum, Chris Jensen

## SEÇÃO INFANTIL

- 1 Ensinamentos dos Pais, Ezra Taft Benson
- 2 Questionário sobre o Livro de Mórmon: Quem Sou Eu?
- 4 Ladrões de Terra, Margery S. Cannon e Lurene G. Wilkinson
- 8 Só Para Divertir

## NOTÍCIAS LOCAIS

- I Criada a Sexta Missão no Brasil
- II A Missão de Caciporé
- IV Vamos Plantar
- VI Jovens Atendem ao Profeta
- VII Os Frutos da Obra Missionária
- VIII Entre-Nós

Casais missionários: Novo caso de sucesso.

O Élder Thomas e Irmã Mildred Shupe, de Liberty, Utah, em serviço na Missão Arizona Tempe, aproveitam um momento de tranqüilidade para, juntos, estudarem as escrituras. Foto de Eldon K. Linschoten.

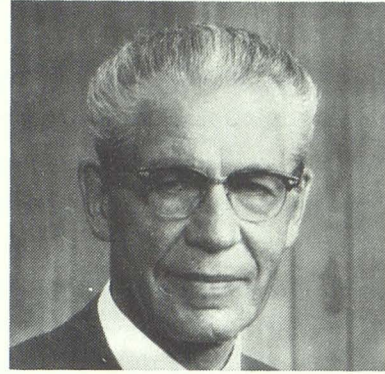
**Capa posterior:** O Élder LaVern Wilcox, missionário dos Serviços de Bem-estar, e sua esposa Ina descansam após um dia inteiro, podendo pés de toranja com os membros locais. Foto de Eldon K. Linschoten.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoetra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribeubú, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

# “CALA O DEBATE”



Presidente N. Eldon Tanner  
Primeiro conselheiro na  
Primeira Presidência

Recentemente, no sermão para as mulheres de toda a Igreja, Elaine Cannon, presidente geral das Moças, disse: “Quando fala o Profeta... cala o debate.” (*Ensign*, nov. de 1978, p. 108.)

Impressionou-me esta simples afirmativa de tão profunda significação para nós. Em toda parte, minha mensagem ao povo é: Sigam ao profeta. Por que outra razão teria o Senhor colocado profetas na terra durante as diversas dispensações? Em sua infinita sabedoria e como parte do plano de vida e salvação para seus filhos, Deus traçou-nos o caminho, deu-nos líderes para nos guiar e manter no rumo certo, e a organização da Igreja para ajudar-nos a lançar os alicerces e desenvolver os talentos, ou fazer os preparativos necessários para nos reconduzir ao lar eterno.

Seria insensato supor que o homem consegue realizar os intentos de Deus sem qualquer ajuda. Tão insensato como esperar que um recém-nascido aprenda a andar, falar, alimentar-se e vestir-se sem qualquer assistência dos que são responsáveis por sua criação e educação. A

criança assim negligenciada e abandonada logo pereceria.

O mesmo se dá conosco. Sem conhecer e entender o evangelho, isto é, o plano de Deus para seus filhos, não conseguimos viver segundo a lei necessária para a nossa salvação. Portanto, aqueles que negligenciam sua educação espiritual ou deixam de escutar e obedecer à voz de advertência dos profetas, sofrerão a morte espiritual.

É difícil entender por que tanta gente se rebela contra o conselho do profeta e luta pela preservação das coisas que os levarão à miséria e à própria morte. Vejamos, por exemplo, a Palavra de Sabedoria. Pouco depois da restauração do evangelho e organização da Igreja, o Senhor deu uma revelação ao Profeta Joseph Smith, conhecida como Palavra de Sabedoria. Ela adverte que chá, café, álcool e tabaco, entre outras coisas, não são bons para o homem e não devem ser usados pelos santos.

Como na época tais coisas não eram consideradas prejudiciais à saúde, foi uma revelação assaz revolucionária. Du-

rante muitos anos, os mórmons foram tidos como povo excêntrico por se absterem dessas substâncias aparentemente inofensivas. Depois, os cientistas começaram a descobrir os efeitos prejudiciais do tabaco, e hoje estamos sendo alertados quanto aos males causados pelo fumo, chá, café e álcool, em particular para os fetos humanos em formação.

Os santos dos últimos dias devem ser capazes de aceitar as palavras dos profetas sem esperar pela sua comprovação científica. Temos a grande felicidade de ter um profeta vivo à testa da Igreja para nos guiar, e todos os que acatam seu conselho participarão das bênçãos prometidas, que não serão gozadas pelos que rejeitam suas mensagens.

Hoje em dia, há muitos assuntos que suscitam renhida controvérsia. Visto que os homens e mulheres envolvidos nessa controvérsia são incapazes de chegar a soluções práticas ou pacíficas, deveria ser evidente que precisamos da direção divina. É realmente triste que o mundo não reconheça ou aceite o fato de existir entre nós um profeta por meio do qual Deus pode dirigir a solução dos problemas mundiais.

Para o autêntico santo dos últimos dias, não existe tal dilema. Ele sabe que as mensagens do profeta vêm do Senhor e contam com a ajuência de todas as autoridades gerais, homens de visão e íntegros e que também procuram estar em sintonia com a divindade. Eles não seguem o profeta cegamente, nem agem sem seu próprio livre arbítrio para falar e pensar, como alguns gostariam de sugerir. Orando ao Pai Celestial, cada um de nós pode obter a certeza de que o rumo que escolhemos tem sua divina aprovação.

Então, por que discutir sobre as ques-

tões morais que abalam o mundo de hoje? Desde o princípio, Deus deixou bem clara sua posição com respeito ao casamento, divórcio, vida familiar, amor aos filhos, imoralidade, castidade, virtude e a sagrada e elevada função da mulher. Hoje, através de seu profeta, ele reitera os claros ensinamentos do Velho e do Novo Testamentos sobre esses assuntos.

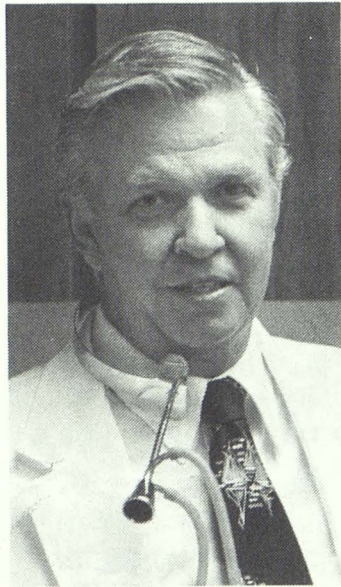
A história e experiência têm provado que sempre que há desobediência à palavra do Senhor, sobrevêm calamidades. Civilizações desmoronaram; ocorreram destruições individuais e coletivas; houve choro, lamento e muita dor; houve fome e peste. Só Satanás e suas coortes ficaram a rejubilar-se. É ele o autor dos debates sobre questões morais; jurou que frustraria os propósitos de Deus. É ele quem engana e fica à espreita para promover seus planos ardilosos, prometendo aos que os seguem as riquezas do mundo.

Muitos se envolvem em controvérsias morais para ganhar tais riquezas. As indústrias ligadas ao álcool e tabaco e os divulgadores de pornografia estão acumulando imensas fortunas às expensas da saúde do povo. É deplorável que haja pais que permitem que crianças sejam exploradas pornograficamente, apesar dos evidentes resultados. Algumas crianças estão sendo negligenciadas e maltratadas, porque suas mães buscam os prazeres mundanos e o sucesso profissional fora de casa. Muitos pais estão mais preocupados com seu sucesso financeiro do que com o bem-estar da mulher e filhos.

Nós temos que mudar tudo isso. Não podemos servir a Deus e a Mamom. De que lado estamos? Quando o profeta fala, cala o debate.

# Tenho Uma Pergunta

*Questões de interesse geral a respeito do evangelho, respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.*



Dr. Homer Ellsworth

**Segundo entendemos, devemos ter filhos enquanto nossas condições físicas permitirem. Existe algum tipo de “planejamento familiar evangélico”?**

**O**uçõ frequentemente este tipo de pergunta de mulheres SUD fiéis e ativas, que muitas vezes me propõem questões alheias às minhas responsabilidades profissionais. Eis alguns princípios e atitudes que, creio, se aplicam a essa questão fundamental, pergunta que a maioria dos casais se faz muitas vezes durante os anos em que podem ter filhos.

Regozijo-me por nosso entendimento básico do plano de salvação, o

qual ensina que viemos para a terra para crescer e amadurecer, e para sermos provados. No decorrer desse processo, casamo-nos e fornecemos um corpo temporal aos filhos espirituais de nosso Pai Celeste. Parece-me ser este o ponto básico. Contemplando esta verdade, deleito-me grandemente com a firme e positiva posição da Igreja, de que temos a bênção e alegria, como também a obrigação espiritual de gerar filhos e ter uma família. Impressiona-me que seja ressaltado o positivo como nossa meta.

Regozijo-me com nosso entendimento de que o livre arbítrio é um dos princípios mais fundamentais do plano de salvação. A oportunidade de optar livremente é tão importante, que nosso Pai Celeste preferiu negar oportunidades adicionais a um terço de seus filhos, do que privá-los do direito de opção. O princípio do livre arbítrio é vital para o sucesso da nossa provação. Muitas decisões que tomamos envolvem a aplicação de princípios para os quais não existem respostas taxativamente positivas ou negativas nos manuais e ensinamentos da Igreja, ou mesmo nas escrituras.

Nosso crescimento, pois, resulta de pesarmos as alternativas, estudarmos o assunto minuciosamente e buscarmos a inspiração do Senhor. Isto, parece-me, é a essência do plano do evangelho. Tem-me dado grande satisfação e confiança observar que, ao administrarem os ensinamentos de Deus, nossos inspirados profetas procuram sempre não violar esse plano de livre arbítrio individual, operan-

do dentro de diretrizes genéricas que permitam considerável flexibilidade individual.

Lembro-me quando um presidente da Igreja, agora já falecido, visitou a filha no hospital após um aborto. Ela já era mãe de oito filhos e passava dos quarenta. Perguntou ao pai:

— Pai, agora posso parar? ao que ele respondeu:

— Não pergunte a mim. Essa decisão deve ser tomada por você, seu marido e o Pai Celestial. Se vocês dois puderem encará-lo com consciência tranqüila e dizer-lhe que fizeram tudo o que podiam, que realmente tentaram, então podem parar. Mas é uma questão entre vocês e ele. Tenho muitos problemas meus para tratar com ele, quando nos encontrarmos!

Portanto, para mim está claro que as decisões com respeito a filhos, quantos e quando tê-los, e todos os pontos relacionados a ele, só poderão ser tomadas após sincero diálogo entre os cônjuges e muita oração.

Neste processo de aprender o que é certo para nós em dado momento, sempre achei útil empregar um medidor fundamental: É egoísta? “Cheguei à conclusão de que a maioria de nossas faltas são, na verdade, pecados de egoísmo. Quando não se paga o dízimo, é por egoísmo. Quando há adultério, é por egoísmo. Quando se é desonesto, é por egoísmo. Tenho notado que, nas escrituras, o Senhor reprova seguidamente o povo por seu egoísmo. Portanto, se limitamos o número de filhos por egoísmo e interesses materiais, certamente nosso caráter se tornará egoís-

ta. Descobri que, para acharmos nossos motivos, precisamos analisar-nos a fundo. Quando assim fazemos, aparecem muitas vezes nossas motivações e desculpas superficiais.

Por outro lado, entretanto, não devemos temer estudar a questão por outros ângulos importantes — a saúde física ou mental do pai e da mãe, a capacidade de sustento básico e assim por diante. Se, por certas razões pessoais, um casal decide piedosamente que seria insensato ter outro filho imediatamente, o método usado para retardar a concepção faz pouca diferença — descontando os possíveis efeitos físicos ou médicos. A abstinência, naturalmente, também é uma forma de controle de natalidade, e como os demais métodos, tem seus efeitos colaterais, alguns em prejuízo do relacionamento marital.

Como médico, tenho sempre que tratar de sintomas sócio-emocionais relacionados com vários aspectos da vida. Ao fazê-lo, sempre me impressionou que nossos profetas, presentes e passados, jamais estipularam que a geração de filhos fosse a única função do relacionamento marital. Os profetas ensinam que a intimidade física é um fator importante no fortalecimento do vínculo afetivo no casamento, promovendo e reforçando a união conjugal. Na verdade, é um dom legítimo de Deus aos casados. Como diz o Apóstolo Paulo:

“A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher.” E Paulo prossegue: “Não vos

**aparteis um do outro**, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao **jejum** e oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência.” (1 Cor. 7:4-5; Tradução de Joseph Smith; tradução livre do original em inglês.)

A abstinência no casamento, diz Paulo, pode provocar tentações e tensões desnecessárias, que, sem dúvida, são efeitos colaterais nocivos.

Assim, pois, o número e espaçamento dos filhos, e outras questões do mesmo teor são decisões a serem tomadas pelo casal em justo e empático consentimento, buscando a inspiração divina. Acredito que os profetas têm sido sábios ao aconselhar os casais a terem consideração mútua e a planejarem cuidadosamente, a fim de que a saúde da mãe não seja prejudicada. O desatendimento, desconhecimento ou má interpretação desse conselho da Primeira Presidência pode resultar em sofrimento.

Conheci um casal que tinha sete filhos. O médico prevenira a mulher, que sofria de hipertensão arterial, que outra gravidez traria graves riscos, devendo ser evitada. Mas o casal interpretou os ensinamentos dos líderes locais do sacerdócio como vedando qualquer método anticoncepcional em quaisquer circunstâncias. Ela morreu de derrame durante o parto do oitavo filho.

Ao conversar com pessoas e tomar conhecimento de suas condições, sinto-me constantemente inspirado pela recomendação da Primeira Presidência no **Manual Geral de Instruções**, no sentido de que a saúde da mãe e

o bem-estar da família devem ser considerados. Trinta e quatro anos praticando ginecologia e como observador de famílias SUD ensinaram-me que é preciso considerar não só o bem-estar físico como também o emocional. Certos pais possuem maior estabilidade emocional e, portanto, mais capacidade de enfrentar as pressões de uma família numerosa. Alguns contam com mais ajuda dos familiares e amigos. Uns são pais mais eficientes do que outros, mesmo tendo os mesmos desejos e motivação. Além disso, os pais devem satisfazer as necessidades de vida dos filhos. O anseio de luxo, é lógico, não seria um motivo apropriado para determinar o tamanho da família; o luxo não é uma consideração legítima. Acho que todo coração inspirado é capaz de decidir instantaneamente o que é um luxo, e o que não é.

Em suma, está claro para mim que os casais não devem negligenciar as coisas mais importantes pelas menos importantes. Ao procurar o mais importante, creio que somos responsáveis não só pelo que fazemos como também por que o fazemos. Assim, com respeito ao tamanho da família, ao número e espaçamento dos filhos e questões relacionadas, devemos desejar multiplicar-nos e encher a terra conforme o Senhor ordenou. O Pai Celeste deseja que nesse processo utilizemos o livre arbítrio que nos concedeu para traçar um rumo seguro e sensato para nós e nossa família. Traçando esse curso pelo estudo, oração e dando ouvidos à voz suave e mansa dentro de nós, estaremos ganhando sabedoria.

Bem ou mal, todos  
somos missionários.

---

# A VIDA É UMA MISSÃO

Elder John H. Groberg  
do Primeiro Quorum dos Setenta

---



**R**ecentemente, viajando de avião, pus-me a conversar com meu vizinho e ele indagou qual a minha ocupação. Respondi que era um missionário mórmon. Imediatamente retorquiu que não tinha em grande conta os missionários ou outros que andam por aí “querendo modificar as pessoas”, ao que repliquei:

— Bem, mas o senhor é um missionário!

Ele o negou peremptoriamente e quis saber por que eu dissera isso. Expliquei que tudo o que dizia ou fazia influenciava outras pessoas em certo sentido, portanto era um missionário da sua maneira de viver.

— Por exemplo? — indagou.

— Bem, — respondi, — vejo que o senhor fuma, pelo maço de cigarros em seu bolso. Seus filhos, vendo-o fumar, serão influenciados a fazê-lo também quando puderem. Assim, o senhor está fazendo trabalho missionário pelos produtores de cigarro.

— Essa não! — exclamou. — Decididamente não vou permitir que meus filhos fumem. É um hábito horrível que leva à morte...

Desnecessário dizer que mantivemos uma conversa muito interessante pelo resto da viagem. Mas eis o que interessa: Nós todos somos missionários. Cada palavra, cada ato nosso, tem conseqüências eternas — pois influencia não só a nós como os outros também.

Lembro-me do comentário de um membro: — Posso fazer uma porção de coisas na Igreja, porém jamais poderia ser um missionário. (Quanto de nós não dissemos ou sentimos o mesmo?) Minha resposta in-

falível: — Mas você é um missionário!

Às vezes, na Igreja (e no mundo também), a palavra “missão” recebe um sentido específico. Para muita gente a “vida normal” é uma coisa, e o “trabalho missionário” outra inteiramente distinta. É preciso ampliar-mos nossa visão.

Nós já vivíamos antes de vir para cá. Todos participamos de alguma forma no mundo espiritual, para termos direito de vir para a terra. Todos votamos em favor do plano de nosso Pai, conforme foi apresentado por seu Filho e nosso Salvador, Jesus Cristo. Todos aquiescemos em vir para esta missão terrena nesta época, a fim de cumprir os planos do Senhor.

Precisamos encarar a vida inteira como uma grande missão, apenas com determinadas épocas designadas como “missão de tempo integral”. Com isso, conseguimos muitas vezes uma visão mais clara da vida terrena no seu início ou fim. Quando uma criança é abençoada, ouvimos frequentemente a frase “tua missão na vida é levar conforto a outros”, ou num funeral, “sua missão na vida parece ter sido...”, ou “sua missão na vida terminou”.

Em termos mais simples, uma missão é viver com propósito — seja para o bem ou para o mal.

A razão de o pronunciamento do Presidente McKay: “Cada membro um missionário” ter tamanha ressonância na Igreja e em nossa vida é que reafirma uma verdade eterna fundamental. Nós somos, de fato, todos missionários — seja para o bem ou para o mal; não obstante, somos missionários.



# UM CEGO AJUDOU-ME A ENXERGAR

Arthur S. Anderson

**F**oi um cego que me ajudou a entender um princípio de liderança de uma forma que jamais hei de esquecer. Aconteceu, certo dia, junto à Eagle Gate\*, na Cidade do Lago Salgado. Cheguei ao cruzamento junto com um homem cego (mais tarde vim a saber que se chama Jim Ganski), acompanhado de seu cão-guia. Quando o sinal mudou, o cão hesitou, pois um ônibus parado no meio-fio bloqueava sua visão, e assim não estava certo se era seguro atravessar. Desejando ser útil, segurei o braço do cego, para levá-lo ao lado oposto. Andando, expliquei o motivo da hesitação do cachorro. Quando terminei, havíamos alcançado o meio da rua e o cão já se voltara diversas vezes, olhando inquisitivamente para mim e para ele. O movimento do arreo certamente havia transmitido sua preocupação ao dono. Foi então que, agradecendo cortesmente a explicação, o cego disse com firmeza:

— Agora, por favor, largue meu braço; meu cão não gosta que alguém assuma o trabalho dele.

Que grande lição! Uma vez delegada uma tarefa, não volte atrás.

O Élder Mark E. Petersen ensinou-me outra lição sobre delegar, quan-

---

\*N.R. — Famoso cruzamento na rua principal de Lago Salgado, encimado por uma grande águia esculpida de asas abertas.

do supervisionava as missões da costa leste, nos últimos anos da década de 1960. Ele estava de visita à Missão Carolina-Virginia Norte que estávamos presidindo, a fim de dar instruções e ajuda.

Conhecendo seu excelente desempenho como presidente das missões européias, eu sabia que seria capaz de me dar respostas a todos os meus problemas para supervisionar a missão. Por isso, assim que tínhamos alguns momentos livres, eu lhe expunha um problema e solicitava sua recomendação. Como resposta, quase sempre dizia algo como: “Conheço um presidente de missão que resolveu esse problema assim. Outro, em área mais distante, dessa maneira.” Sempre sugeria possíveis soluções, porém deixando à minha escolha. Depois de seis dias, tomou o avião, tendo respondido a cada pedido meu de ajuda, porém deixando-me a responsabilidade de escolher as soluções e arcar com as conseqüências das minhas decisões. Esta foi uma das muitas lições ensinadas por um líder excepcional na obra do Senhor.

Posteriormente, lendo alguns escritos do Profeta Joseph Smith, interessei-me em conhecer sua filosofia a respeito de delegação e mordomia. Certa ocasião, o Profeta escreveu a alguns membros do Quorum dos Doze que estavam em missão na Inglaterra, os quais lhe haviam pedido

conselhos. Ele aconselhou conforme achou conveniente e acrescentou: "Há várias coisas de muita importância sobre as quais pedis que vos aconselhe, porém, creio que vós mesmos podeis decidir, uma vez que vos achais em melhor posição que eu no sentido de estar a par da peculiaridade das circunstâncias, e tenho grande confiança em vossa prudência; portanto, perdoai-me por não tratá-las detalhadamente. Se eu vir algo errado, tomarei a liberdade de dar-vos a conhecer o meu ponto de vista e de indicar-vos o erro." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 171.)

Anos atrás, quando servia no Comitê do Ensino Familiar do Sacerdócio, minha designação era a de acompanhar autoridades gerais a conferências de estaca, para expor princípios de liderança ligados ao ensino familiar. Numa reunião de liderança do sacerdócio de sábado à noite, na Estaca Raft River, em Idaho, o Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Quorum dos Setenta, chamou-me para apresentar a minha parte. Durante uns quinze minutos, falei a respeito do ensino familiar, apresentando, a meu ver, uma exposição bastante clara dos métodos que poderiam melhorar o desempenho dos irmãos da estaca. A congregação mostrou-se delicadamente atenta, com exceção de uns poucos bocejos nos últimos bancos, que procurei remediar com alguns casos interessantes e todo o entusiasmo que consegui arranjar. Ao terminar, ocupei meu assento, sentindo-me como um treinador de futebol após uma estimulante preleção no vestiário.

O Élder Tuttle exibia um olhar muito pensativo quando se levantou para dirigir a palavra àquele grupo. Começou a falar, dizendo mais ou menos isso: "Procurei ficar atento à exposição do Irmão Anderson, mas meus pensamentos teimavam em vagar. Não pude deixar de pensar sobre as famílias das quais sou mestre visitante. Estou encontrando certas dificuldades reais em atingi-las e influenciá-las, e elas são uma preocupação constante. Talvez se eu falasse um pouquinho a respeito delas, vocês poderiam dar-me algumas sugestões."

Sem revelar nenhuma informação pessoal que pudesse trair o sigilo, o Élder Tuttle ilustrou alguns problemas. Logo havia mãos erguidas; os membros do sacerdócio estavam oferecendo sugestões e soluções, e todos estavam envolvidos em prestar auxílio. A quem estavam ajudando? A si próprios, aprendendo a solucionar problemas afetos ao ensino familiar.

E eu? Assombrado, observava um grande mestre, alguém capaz de motivar pessoas. Ele se ocupava em dirigir, delegar, criar entusiasmo, e os aprendizes mal se davam conta da sua mudança de atitude. Estavam ocupados, pensavam eles, ajudando a resolver problemas de outra pessoa.

De certa forma, nossa designação mais importante de liderança é dirigir e motivar o próprio eu. Seguindo o exemplo dos que vivem os ensinamentos de Cristo, podemos nos tornar dignos de retornar ao Salvador, tendo reagido positivamente à responsabilidade que ele nos delegou de guardarmos o nosso segundo estado.

**B**uddy Conatser e sua mulher, Mar-teena Lanae, estavam inativos há quase dezesseis anos, praticamente desde seu batismo aos dezoito anos. Ninguém da Igreja conseguiu conversar com eles — certamente nenhum missionário — pelo menos até a chegada de Vern e Wilma Richins, de Draper, Utah. Quando o élder e a Irmã Richins bateram à sua porta, em Jamestown, Tennessee, Buddy começou a dar as desculpas cos-

tumeiras, assim que percebeu de quem se tratava. Mas o Élder Richins, apontando a cabeça de cervo pendurada na parede da sala de estar, perguntou:

— Irmão Conatser, diga-me, não é de um veado-galheiro?

— É, sim.

— Permita-me vê-lo mais de perto. Quem foi que montou?

— Fui eu.

**Não só os jovens de dezenove anos estão atendendo ao chamado do Profeta.**

# UMA MISSÃO A DOIS

**Marvin Kent Gardner**



O Élder Claudius e Irmã Maude Olsen, missionários dos Serviços de Bem-estar, servindo na Missão Arizona Tempe, concordam com a opinião de outros casais missionários que uma missão promove a união de marido e mulher.

**Os casais missionários são exemplos vivos do que a Igreja faz pelas pessoas.”  
Élder Rex D. Pinegar.**

---

Buddy os convidou a entrar, e durante as duas horas seguintes, não se mencionou a Igreja. Mas, antes de partirem, o Irmão Conatser permitiu que oferecessem uma oração. E a Irmã Richins ainda perguntou:

— Não gostaria que ensinássemos às suas filhinhas alguma coisa a respeito da Igreja à qual pertencem?

— Elas freqüentam a igreja logo aí adiante, — replicou. — Não precisam de outra.

Porém, ao cabo de um pouco mais de persuasão, Buddy consentiu. Isto foi na quinta-feira. Na sexta, deram a primeira aula. No domingo, a família inteira apareceu na capela. Uma semana depois, tendo recebido quatro aulas, compareceram à reunião pela segunda vez. A menina maior perguntou:

— Irmão Richins, quando vai batizar-nos?

— Quando seus pais quiserem.

— Eu quero, — atalhou Buddy. — A partir da primeira aula, largamos o cigarro e deixamos de beber. E sabemos que a Igreja é verdadeira. Estávamos buscando uma coisa sem saber que já a possuíamos.

O Élder Richins batizou as meninas naquele fim de semana e ordenou Buddy Conatser um sacerdote no domingo seguinte. Passados alguns meses, foi ordenado élder e, sob a direção do presidente da estaca, designado segundo conselheiro na presidência do ramo, depois presidente dele. O casal Richins também testemunhou a cerimônia de selamento da família Conatser no Templo de Washington.

O Irmão Richins e sua esposa eram missionários. Assim como muitos outros casais, eles não encaram esses anos de serviço como um sacrifício, mas como satisfação — “uma das maiores satisfações que já tivemos na vida”.

Quem são os casais missionários? São casais de certa idade, “dignos de receber uma recomendação para o templo... que já não têm mais filhos dependentes morando em casa... capazes de manter-se financeiramente durante o período em que estiverem no campo missionário... (e) estão em boas condições de saúde. (Manual Geral do Programa Missionário, p. 29.) Normalmente servem durante dezoito meses, porém o prazo é flexível. O Departamento Missionário tem três motivos para chamá-los — “alguns dos melhores missionários da Igreja” — o treinamento que são capazes de prover aos líderes locais, seu trabalho com os membros e sua obra de proselitismo.

*Um Esteio para os Líderes Locais*

Casais missionários são freqüentemente designados para áreas em que a liderança local da Igreja possa beneficiar-se com sua experiência, maturidade e orientação. Embora geralmente não sejam designados para ocupar cargos de liderança, eles colaboram de perto com o sacerdócio e liderança das auxiliares locais, fortalecendo-os pelo exemplo e dando de sua experiência.

O Élder Royden G. Derrick, ex-diretor gerente do Departamento Missionário e membro do Primeiro Quorum dos Setenta, afirma que grande parte do crédito pela criação de estacas em Liverpool — Preston, na Inglaterra, enquanto era presidente de missão, cabe aos casais missionários que trabalharam com os líderes locais.

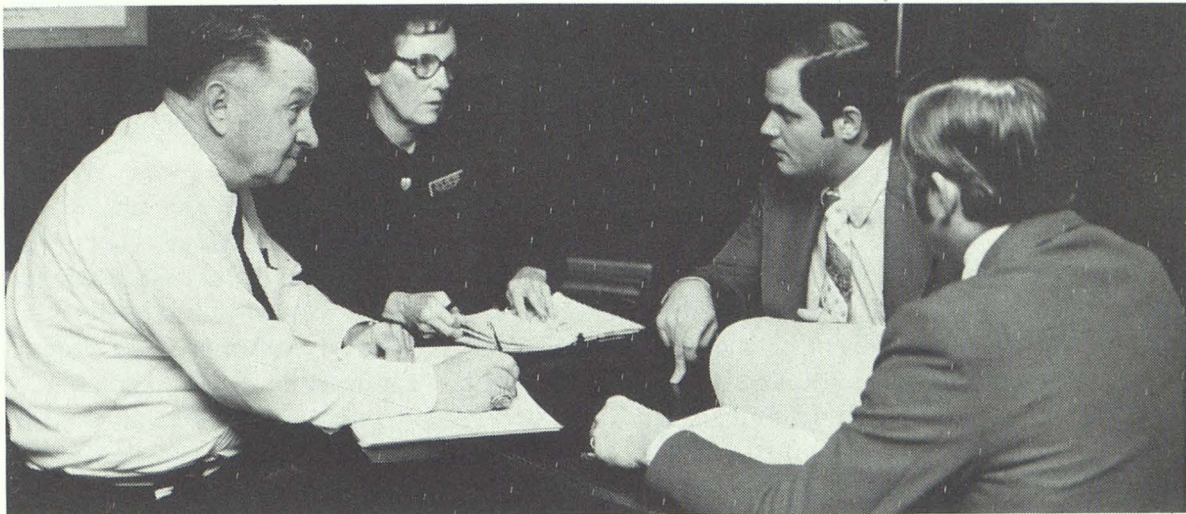
O Élder Carlos E. Asay, diretor executivo do Departamento Missionário e membro do Primeiro Quorum dos Setenta, conta o caso de um ramo em dificuldades, na parte ocidental do Texas, cujo presidente de estaca pediu ao Élder Asay, então presidente da missão, que

Ihe mandasse um casal missionário. E assim chegaram lá o Élder Melvin e a Irmã Annie Cook, de Rigby, Idaho. Como conselheiro na presidência do ramo, o Élder Cook instruiu os líderes locais do sacerdócio. E sua mulher executou um trabalho igualmente valioso nas auxiliares.

“Eles eram sábios”, diz o Élder Asay. “Sabiam que, se fizessem demais, os membros do ramo se magoariam. Sabiam também que tinham de ser o exem-

atos. E assim, os membros captam a visão de uma vida dedicada ao serviço na Igreja.”

Certa moça escreveu ao Élder Lyle e Irmã Electa Hilton, de Mesa, Arizona, depois que foram desobrigados: “Obrigada pela força que me deram. Ver vocês de idade avançada servindo Jesus Cristo, inspirou-me a procurar viver de maneira que pudesse casar no templo e levar uma vida de serviço e felicidade, como observei vocês fazerem.”



Preparando-se para uma reunião executiva do sacerdócio, o Élder Grant e Irmã Louise Mortensen, de Sanford, Colorado, em serviço na Missão Texas-San Antonio, debatem a agenda com Kenneth Schulz, presidente do Ramo Kennedy, da Estaca San Antonio-Leste, e Kenneth Fletcher, presidente dos setentas.

plo. Conseguiram moldar um ótimo e atuante ramo.”

#### *Um Exemplo para os Membros da Igreja*

Os casais missionários dão força aos ramos e alas com sua simples presença. O Élder Rex D. Pinegar, diretor gerente do Departamento Missionário e membro do Primeiro Quorum dos Setenta, diz: “Os casais missionários são exemplos vivos do que a Igreja faz pelas pessoas. No campo missionário, são vistos pela sua grande fé exemplificada por seus

Realizar noites familiares, visitar membros doentes, ajudar líderes inexperientes do sacerdócio a administrar sua família, ensinar aos membros, na prática, como plantar uma horta — estas e muitas outras atividades dos casais missionários fortalecem os membros e incentivam-nos a levar uma vida de mórmons.

O Élder Melvin e a Irmã DeLoise L. Robins, de Bountiful, Utah, conseguiram trazer para a Igreja os não-membros de quatorze famílias compostas de membros e não-membros, durante sua missão no

**“As pessoas precisam de atenção. Elas se mostram receptivas aos casais missionários, por causa da atenção carinhosa que estes lhes dão.” — Élder Royden Derrick.**



**A esquerda:** Aaron Osise, índio Papago, e o Élder Claudius B. Olsen, de Brigham City, Utah, examinam as marcas de identificação nas orelhas de animais, enquanto os alimentam.

**A direita:** Em companhia de Eleanor Schurz, a Irmã Ina Wilcox, de Huntsville, Utah, em serviço na Missão Arizona-Tempe, organiza materiais na biblioteca da capela.

Arizona. O Irmão Arnold Knapp, da Cidade do Lago Salgado, ex-presidente da Missão Inglaterra-Bristol, conta que naquela missão, mais de seiscentos membros foram reativados em um ano pelos casais missionários. E segundo o Élder Derrick, na República da Irlanda, a frequência à reunião sacramental quase que triplicou enquanto era presidente de missão ali, por causa de casais missionários.

Como conseguem isso? “Literalmente amando, escutando, trabalhando com eles”, diz a Irmã La Nor Cannon, de Bountiful, Utah. “Quayle, meu marido, ajudou um homem a construir um galinheiro, e outro, uma coelheira. Auxiliamos uma família a enlatar tomates. Rimos com eles, oramos com eles e tornamo-nos bons amigos deles.”

#### *Parte da Comunidade*

A experiência de uma vida plena e participante paga juros em suas atividades comunitárias. Devido à sua experiência, os casais conseguem entender-se bem com as pessoas e captar facilmente sua confiança.

“Os casais missionários são considerados cidadãos da comunidade”, diz o Élder Pinegar, “enquanto os missionários jovens são vistos como visitantes.”

Como residentes “permanentes”, normalmente conhecem uma porção de gente, fazem muitas amizades e podem dar-lhes uma atenção toda pessoal. “As pessoas precisam de atenção”, diz o Élder Derrick. “Elas se mostram receptivas aos casais missionários, por causa da atenção carinhosa que estes lhes dão.” Como bons vizinhos, muitas vezes conseguem abrir portas que não podem ser abertas doutra maneira.

Por exemplo, quando o casal Richins chegou a Jamestown, Tennessee, morava perto deles um certo Sr. Miller, de oitenta e cinco anos. Um dia, este apareceu no apartamento deles, perguntando se poderia tomar emprestada a escada do senhorio, para alguém poder consertar o telhado da moradia dele. Porém, ninguém apareceu para pegar a escada. Então, passadas algumas semanas, o Élder Richins vestiu roupas de trabalho, apanhou a escada e já subia para o telhado, quando o Sr. Miller saiu da casa.

— O que está fazendo aí, pregador?  
— quis o velho saber.

— Vou consertar seu telhado.

Terminado o trabalho, o Sr. Miller abriu a carteira, tirando algumas cédulas de vinte dólares.

— Quero pagar seu trabalho.

— Vou dizer-lhe como poderá pagar-me, — disse o Élder Richins. — Diga “obrigado”. É tudo o que quero. Nós, “pregadores” mórmons, como nos chama, não cobramos dinheiro pelo serviço do Senhor.

O velho insistiu, mas o Élder Richins continuou firme:

— Não, eu o fiz como amigo. Fiz, porque gostamos do senhor.

— Mas eu não sou da sua igreja!

— Ainda assim é um filho de Deus, exatamente como todos nós.

Semanas mais tarde, um merceiro não-mórmon contou ao Élder Richins o resto da história. O Sr. Miller fora abordado pelo seu ministro por não estar freqüentando as reuniões ultimamente. O velho aceitou a reprimenda calmamente, mas irritou-se quando o ministro se pôs a criticar seus vizinhos mórmons:

— Ouça aqui, — dizem que respondeu, — jamais fale mal daquele pregador mórmon. Foi ele quem consertou meu telhado depois de eu tentar durante semanas contratar alguém da sua igreja para fazê-lo. Mas ele o fez, e o fez voluntariamente.

— É — retrucou o ministro, — mas depois, quanto lhe cobrou?

— Ele não me cobrou coisa alguma pelo trabalho do Senhor!

Essa experiência e outras mais se espalharam por toda a cidade, e o povo passou a ter desejo de convidá-los para suas casas. Devido ao forte antagonismo, os Richins eram o primeiro casal missionário em Jamestown, em quatro meses, mas dentro de três meses tinham conver-

sado com todos os ministros da cidade, e quando fizeram amizade com os chefes da emissora de rádio local e outros líderes da cidade, também cessou a propaganda anti-mórmon.

A autenticidade positiva do Irmão Richins e sua esposa também tocou os membros da Igreja. No primeiro domingo em Jamestown, apenas três das vinte e cinco pessoas presentes na Igreja lhes ofereceram a mão. Exatamente um ano depois, havia lá cento e nove membros ativos e todos sabiam dar a mão!

“Quando as pessoas percebem que estamos interessados em seu bem-estar”, diz a Irmã Richins, “torna-se fácil pregar o evangelho.”

#### *Benefícios do Servir*

Ver as pessoas melhorarem sua vida, quando aceitam as verdades do evangelho, é recompensa suficiente para um missionário. Entretanto, os casais missionários testificam também acerca das bênçãos pessoais recebidas.

Muitos apreciam a oportunidade de ser um exemplo para a própria família. Diz o Élder Vernon Snarr, da Cidade do Lago Salgado: “Achamos que não poderíamos esperar obediência da parte de nossos dez netos, se nós, avós, não fôssemos obedientes a um chamado do Senhor.”

Durante sua entrevista de instrução com seu presidente de missão, o Élder M. Russell Ballard, agora do Primeiro Quorum dos Setenta, a Irmã LaVaun Asay confidenciou-lhe que sentia medo de atuar como missionária, pois não saberia como fazê-lo. Então ele lhe fez uma demonstração prática, formulando as perguntas de ouro.

Mais tarde, no seu primeiro dia de missionária em Kirtland Lake, Ontario, ela encontrou coragem para fazer as perguntas de ouro à balconista, enquanto

**“Quando as pessoas percebem que estamos interessados em seu bem-estar, torna-se fácil pregar o evangelho.”  
— Irmã Richins.**

---

seu marido pagava os mantimentos. A moça reagiu positivamente.

Após apresentarem a primeira palestra a ela e seu marido, Betti e Robert W. Guild, este convidou seu irmão Don e esposa para se juntarem a eles. Pouco tempo depois, os quatro se batizaram. A influência deles entre amigos e familiares levou a pelo menos mais doze batismos até agora — tudo porque a Irmã Asay reuniu a coragem que pensava não ter.

Outra bênção é poderem passar vinte e quatro horas por dia juntos — ainda que isso exija certas adaptações. Muitos casais falam da alegria de trabalhar arduamente juntos, vendo o parceiro eterno realizando a obra do Senhor, ambos envolvidos numa atmosfera espiritual tantas horas em seguida.

Todavia, tanto os líderes como os casais missionários não deixam de ressaltar que uma missão não é um período de lazer — uma segunda lua-de-mel. “Quando um casal aposentado ingressa no trabalho missionário”, diz o Élder Pinegar, “eles acabaram de aceitar uma tarefa desafiadora e emocionante.”

Mas isto não vai desanimar ninguém, acreditam o Élder Dean e Irmã Marchey Lloyd, de Pocatello, Idaho. Eles são gratos pelo desenvolvimento espiritual resultante da missão. “Depois de aposentados, estávamos fazendo algumas viagens planejadas há muito tempo. Apreciávamos viajar, mas nossa vida espiritual não estava sendo satisfeita. Nossa decisão de fazer a obra missionária trouxe novo vigor, novas emoções, novos amigos, novos desafios. Aproximou-nos mais como marido e mulher; tínhamos um objetivo comum e autêntica parceria. E acima de tudo, ela nos proporcionou mais progresso espiritual em lugar de ‘aposentadoria’ espiritual.”

Para alguns, a obra missionária representa a realização de um sonho antigo por terem perdido a oportunidade de fazer missão quando jovens, porém o Élder Derrick vai mais além: “Gostaria de ver todos os membros da Igreja aguardando ansiosamente duas missões — uma, quando o moço tem dezenove anos, e a segunda, quando o casal se aposenta. Imaginem só como as pessoas seriam afetadas, se passassem a vida adulta esperando e programando uma missão para quando se aposentassem — como cuidariam melhor do seu corpo, como progrediriam mentalmente, como sua espiritualidade seria fortalecida.”

Mas, por que limitar-se a duas missões? O Presidente Emerson T. Cannon, da Cidade do Lago Salgado, ex-presidente da Missão Tennessee Nashville, mal consegue esperar até que ele e a esposa possam sair novamente em missão — mas agora como casal. Por quê? “Por causa do que vimos esses casais fazerem”, explica. “Gostaríamos de poder trabalhar o tempo todo com as pessoas como eles.”

Joseph e Thelma Montgomery, de Ogden, Utah, conversando com o presidente da missão no primeiro dia da sua segunda missão como casal, comentaram: “Presidente Buckner, nós já fizemos os cálculos. Terminados os dezoito meses, estaremos de volta a Utah em setembro de 1979, bem a tempo de fazer nossas conservas de pêssegos, peras e tomates. E lá pelo Natal de 1979, estaremos novamente no campo missionário para iniciar nosso terceiro período!”

*Perguntas Mais Comuns de Casais Interessados*

Se quiséssemos sair em missão, o que devemos fazer? O Élder A. Theodore Tuttle, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, diz: “Se quiserem ser-

vir, entrem em contato com os líderes do sacerdócio.” (A Liahona, fevereiro 1978, p. 75.) Eles decidirão se vocês são dignos e capazes física e emocionalmente.

Mas não seria presunçoso oferecer-se para uma missão? “Nem um pouco”, explica o Élder Carlos E. Asay, do Primeiro Quorum dos Setenta. “Embora ninguém possa chamar-se a si mesmo para uma missão, as pessoas podem dizer ao seu bispo que estariam interessadas em servir.”

Não temos certeza de dispor de condições físicas para o proselitismo. “Este não é normalmente o serviço principal”, diz o Élder Asay. “Existem muitas maneiras de se fazer amizade e contatar pessoas”. Neste artigo encontrarão muitos exemplos — e nenhum deles se refere à pregação de porta em porta. Os casais podem servir também como missionários dos Serviços de Bem-Estar, dando assistência sanitária, nutricional, agrícola ou profissional aos membros.

Alguns casais trabalham como guias nos centros de visitantes. Outros servem no setor de relações públicas ou trabalhando no escritório da missão.

Nós temos que memorizar as palestras? Alguns casais as memorizam, outros não. “Os casais podem familiarizar-se com o conteúdo da palestra e ensinar com muito proveito, sem terem de memorizar tudo, palavra por palavra”, diz o Élder Asay. O Centro de Treinamento Missionário se concentra no ensino dos conceitos do evangelho mais vocabulário de conversação, escrituras e palestras, a fim de que o casal possa “pregar o evangelho usando experiências de sua própria vida que o fizeram entender essas verdades”.

Teremos de aprender um novo idioma? Se conhecem ou estudaram alguma língua, ou possuem talento lingüístico,

devem informar o bispo. Entretanto, “normalmente os casais não são designados para outra área lingüística, a menos que o tenham solicitado ou tenhamos sua aprovação”, diz o Élder Asay.

E se formos mandados para um lugar de clima diferente do que estamos acostumados? Geralmente a adaptação é mais fácil do que se julga. O Élder J. Carroll Bagley e esposa, de Sunnyside, Washington, serviram sua primeira missão nas Ilhas Britânicas e a segunda nas Filipinas — extremos de frio e calor. “Não ficamos doentes um só dia”, informaram.

E quanto às nossas condições de saúde? A saúde é um dos requisitos que o bispo estudará, mas a maioria dos missionários está à altura da tarefa. A Irmã Winona L. Armstrong, de Arimo, Idaho, acordou certa manhã com uma terrível enxaqueca, mas não queria cancelar as cinco palestras que ela e o marido haviam programado. Então, ajoelhou-se para orar, sabendo que o Senhor tem poder para curá-la. “Antes de eu me pôr de pé, a dor havia desaparecido.”

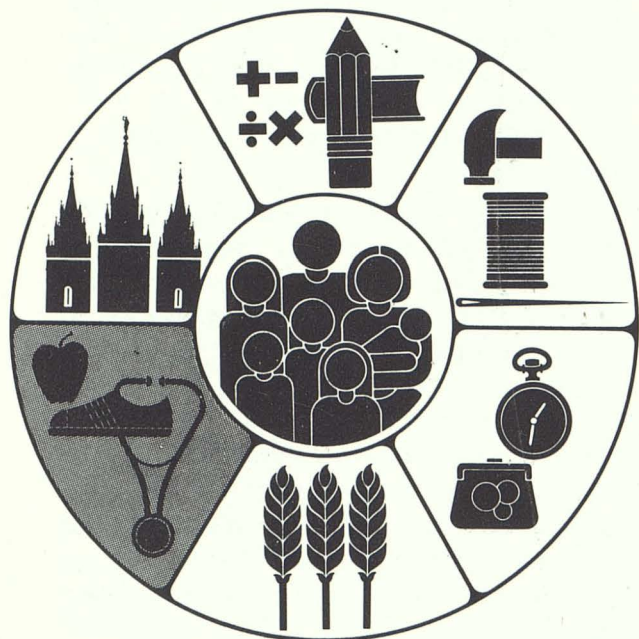
A Irmã Wilma Richins, de Draper, Utah, encontrava-se numa cadeira de rodas uma semana antes da data da partida — porém não precisou dela no campo missionário, embora persistissem o mal e a dor. “Não foi fácil. Foi duro. Realmente duro. Mas, quando nossa força acabava, o Senhor nos dava mais.”

O Élder Pinegar acrescenta que os casais missionários devem ter saúde suficiente para poderem produzir, porém “não se espera deles que cumpram o programa rigoroso dos outros missionários. O presidente da missão poderá ajudá-los a traçar seu programa; eles estarão sempre juntos e em condições razoavelmente estáveis.”

Uma parte importante da auto-suficiência familiar é saber como enfrentar emergências médicas.

# ANTES DE CHAMAR O MÉDICO

Suzanne Dandoy



**A**ntes de chamar o médico quando um familiar adoecer, deve-se observar bem o doente. Se o caso não for de emergência, anote por escrito suas observações. Quando se chama o médico correndo, sem primeiro avaliar bem o caso, torna-se muito fácil deixar de notar um sintoma importante. Sintomas são as percepções descritas pelo próprio doente, como dor, rigidez, falta de ar ou fraqueza. Sinais de doença são os indícios objetivos percebidos pelo observador, como temperatura elevada, sangramento ou erupções cutâneas.

Para transmitir sinais e sintomas de modo organizado, pode-se usar esta lista de verificação:

## *Dor*

- ( ) Local
- ( ) Tipo (surda, aguda, latejante)
- ( ) Duração (contínua ou intermitente)
- ( ) É afetada pela posição do corpo?
- ( ) É afetada pela ingestão de alimento

## *Temperatura*

- ( ) Anote temperatura acusada pelo termômetro

## *Pulso*

- ( ) Informe número de batidas por minuto
- ( ) Informe número de inspirações por minuto
- ( ) A respiração parece difícil?
- ( ) O doente está tossindo?

## *Sangramento*

- ( ) Local
- ( ) Cor (vermelho vivo, aguada)
- ( ) Quantidade e forma (constante, intermitente, exsudante)

## *Excreções*

- ( ) Modificações na cor, consistência ou características da evacuação, vômito, escarro, urina ou outras excreções. (Caso a excreção tenha aparência estranha, guarde uma amostra num recipiente fechado para mostrar ao médico.)

## *Pele*

- ( ) Aparência geral (ruborizada, úmida, pálida, amarela)
- ( ) Existe alguma vermelhidão local ou mancha?
- ( ) Erupção? (cite local e aparência)

## Dados Gerais

- ( ) O paciente apresenta má aparência?
- ( ) Como ele se sente? (cansado, fraco)
- ( ) Há quanto tempo está doente?
- ( ) Tem falta de apetite?

Além dos sinais e sintomas, o médico querará saber qual a medicação ou tratamento de urgência aplicado para aliviar os sintomas do paciente, e qualquer medicamento que ele vem tomando.

Com o fornecimento de um relatório completo sobre as condições, você estará ajudando o médico a fazer um diagnóstico correto e tratamento imediato do doente.

### O Que É a Febre?

A febre é um aviso de algo errado no organismo, embora se possa estar doente sem elevação da temperatura. A alteração da temperatura normal do corpo vem sendo usada há muito tempo pelos médicos para julgar se uma pessoa está doente, diagnóstico e tratamento do mal, e para avaliar o progresso na recuperação do paciente. Uma das primeiras perguntas em caso de doença costuma ser: "Qual é sua temperatura?" Por isso, é conveniente que toda família possua um termômetro clínico e saiba como usá-lo.

Deve-se medir a temperatura —

1. Quando a pessoa se queixa de mal-estar ou parece indisposta.

2. Durante a doença, uma ou duas vezes ao dia, no mesmo horário, geralmente pela manhã e à noite, ou quando o médico determinar. (A temperatura pode ser medida a cada quatro horas ou apenas uma vez por semana, dependendo das condições e idade do paciente.)

3. Sempre que houver uma mudança súbita no estado do paciente, tal como calafrios, inquietação ou dor.

4. Sempre que houver dor de cabeça, dor no peito ou abdômen, garganta irritada, calafrios, vômito, diarreia ou erupções cutâneas.

Não se deve acordar o paciente para tomar-lhe a temperatura. A bem da exatidão, deve haver um intervalo de, pelo menos, quinze minutos entre a tomada de temperatura do paciente e um banho quente ou frio, ingestão de bebida ou alimento quente ou frio, porque, nesses casos, a temperatura bucal não é a mesma do corpo. No caso de crianças maiores, a melhor hora de se tomar temperatura é quando estão relativamente calmas ou descansadas.

Além de saber tomar a temperatura e ler o termômetro, deve-se ter algum conhecimento de como interpretar o que se leu. Em pessoas adultas, 37,8°C seria indicação significativa de febre. Em crianças, 38,3°C é considerado febre apreciável. Todas as pessoas apresentam variações de temperatura num período de vinte e quatro horas; é normal a temperatura um pouco elevada à tarde-zinha e estar no ponto mais baixo de manhã cedo.

Lembre-se de que a febre em si não é doença, mas um sinal de doença. Porém, não precisa ser o único sinal. Alguém pode estar gravemente doente sem ter febre. A ausência de febre na presença de outros sintomas febris também deve ser comunicada ao médico.

Não entre em pânico, se a temperatura de uma criança chegar a 39,4° ou 40,0°C. A intensidade da febre nem sempre é medida da gravidade do mal. Todavia, febre em crianças com menos de três meses é incomum, tendo mais importância do que a mesma temperatura em crianças maiorzinhas — e sempre deve ser diagnosticada por um médico.

Às vezes o médico desprezará a febre para tratar a doença em si. Isto porque a febre é uma das maneiras de o corpo combater o mal, e também um meio de se avaliar a evolução da doença. Se a febre, porém, estiver prejudicando o sono do doente — ou debilitando-o — o médico provavelmente procurará baixá-la.

### *Farmácia Doméstica*

Embora, em geral, entendamos por medicamento apenas as substâncias prescritas pelo médico, em muitos lares existem outras substâncias que também podem ser consideradas medicamentosas. Estes medicamentos devem estar sempre à mão, para que a enfermeira do lar possa atender imediatamente ao ente indisposto ou ferido. Frequentemente alguém precisa ser atendido à noite ou outras ocasiões em que seria difícil procurar a farmácia.

Para um atendimento melhor dos familiares doentes, a farmácia doméstica deve conter:

- ( ) Aspirina, inclusive aspirina infantil\*
- ( ) Descongestionante nasal (em gotas ou *spray*)\*
- ( ) Medicamento contra tosse\*
- ( ) Pastilhas para garganta irritada
- ( ) Pomada antibiótica para infecções cutâneas\*
- ( ) Vaselina
- ( ) Loção à base de calamina
- ( ) Ungüento para queimaduras ou *spray* analgésico
- ( ) Tabletes ou cápsulas anti-histamínicas\*
- ( ) Creme ou loção protetora contra raios solares

\* Dar à criança só com autorização do médico da família.

Como no caso de medicamentos prescritos, todas essas substâncias devem ser jogadas fora quando mudarem de cor ou apresentarem qualquer modificação de aparência ou cheiro. Se houver crianças na casa, todos os medicamentos devem ser guardados num local trancado; além disso, os pais devem colocar rótulos indicando os respectivos antídotos nos frascos que contêm substâncias venenosas.

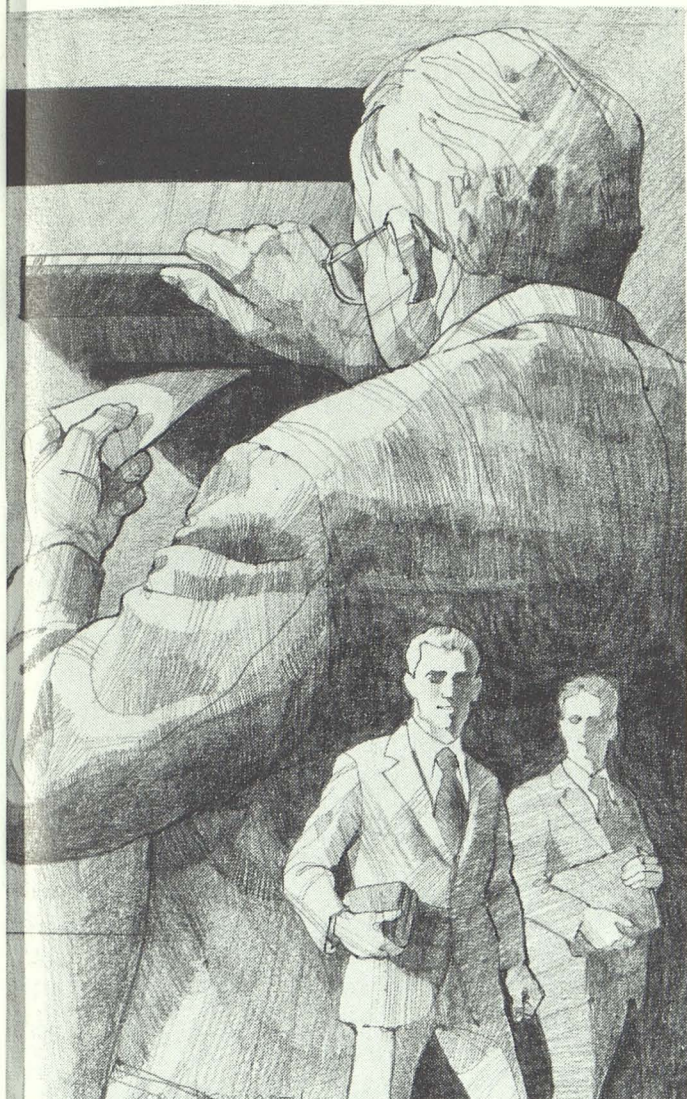
Além dos medicamentos indicados, a família deveria dispor ainda do seguinte para uso imediato:

- ( ) Termômetros (bucal e retal)
- ( ) Álcool medicinal (70%)
- ( ) Sabonete antibacteriano (para lavar cortes e arranhados)
- ( ) Algodão absorvente e cotonetes
- ( ) Ataduras adesivas
- ( ) Esparadrapo de 12 mm ou mais de largura
- ( ) Compressas de gaze esterilizadas de vários tamanhos
- ( ) Tesoura
- ( ) Pinça
- ( ) Abaixadores de língua
- ( ) Livreto sobre primeiros socorros

Estes itens devem ficar guardados em local conveniente, conhecido por toda a família. Tendo sempre à mão os utensílios, substâncias e medicamentos apropriados, a família pode enfrentar doenças e ferimentos de maneira calma e tranqüila. Logicamente, em caso de problema sério, deve-se recorrer ao médico.

---

*Suzanne Dandoy, médica. Diretora interina do Departamento de Serviços de Saúde do Arizona.*



A chave para ser abençoado.

# OBEDEÇA A TODAS AS REGRAS

H. Kent Rappleye

Ficar deitado de costas, olhando a parafernália mecânica de um aparelho de Raios X, não era o que eu esperara fazer parte de minha experiência no Centro de Treinamento Missionário. Mas ali estava eu, com o tornozelo inchado feito bola — mais uma vítima do horário de atividades físicas.

Quinze minutos antes, encontrava-me participando de uma excitante partida de futebol. Meu distrito estava ganhando quando restava apenas um minuto de jogo. De repente, nossa defesa falhou, e a bola partiu para o gol. Saí correndo, quando meu melhor amigo, o Élder Duran, do time contrário, se jogou no chão para bloquear meu chute. Crac! ouviu-se um barulho de galho partido e fui ao chão, segurando a perna direita e gritando pelo médico.

Tentei estar de pé, porém a dor me fez ficar ali deitado, cerrando os dentes. A ambulância chegou e logo me vi deitado na mesa de Raios X, esperando que o ferimento fosse apenas uma luxação ou destroncamento. Todavia, minha esperança de milagre viu-se destruída, quando ouvi a enfermeira comentando pela porta entreaberta: “A pior fratura que já vi.”

Ninguém me tocou durante três quartos de hora. Então chegou o especialista e confirmou o comentário da enfermeira. Por volta das onze da noite, encontrava-me semi-inconsciente numa cama de hospital, ainda meio “grogue” da anestesia para colocação de um pino no osso do tornozelo. Só conseguia pensar naquela hora que não ia poder acompanhar os 21 élderes de meu grupo, quando partissem para a Missão Guatemala-El Salvador dali a duas semanas.

Após quatro dias de hospital, voltei para o Centro de Treinamento Missionário de muletas. Não sei se existem palavras para descrever o que significa ficar no centro mais cinco semanas, depois de saber todas as palestras. Eu era capaz de repeti-las de trás para a frente e salteado, dormindo, no chuveiro, de ponta cabeça e em posição intermediária.

Um grupo de missionários deveria partir para a Guatemala quatro dias após a remoção do gesso, mas ainda me restavam duas semanas de fisioterapia. Entretanto, pelo fervoroso poder persuasivo de que só um mis-

---

**Quando eu estava para passar pelo portão de embarque, meu pai falou: — Filho, obedeça a todas as regras e será feliz na vida, — ao que respondi com um apressado: — Certo, papai.**

**Indo para o avião, eu me ri: — Papai, o senhor voltou a trocar as bolas, querendo dizer: “Obedeça a todas as regras e será feliz na missão.”**

---

sionário é capaz, consegui convencer meu médico a me deixar partir, mediante a promessa de não andar em excesso durante as primeiras semanas.

Até que enfim! A excitação emocional deve ter apressado a recuperação do osso. Quando cheguei ao aeroporto, eu estava super agitado. Para provar que meu tornozelo estava como novo, pulava num pé só, dançava e mostrava a todos a cicatriz de vinte centímetros. Não me lem-

bro de tudo o que fiz, mas foi suficiente para provocar olhares ansiosos de mamãe e comentários de “Ele não mudou nada” de meus amigos.

Durante as lágrimas e confusão da despedida, dei pouca atenção a todas as advertências e conselhos do pessoal. A única coisa que interessava era o jato chegando ao portão de embarque e minhas visões de converter toda a Guatemala e El Salvador. Finalmente nos mandaram embarcar. Houve o usual monte de abraços e beijos (de meus pais e irmãos) e naturalmente aquele aperto de mão especial de uma linda garota prestes a chorar.

Quando eu estava para passar pelo portão de embarque, meu pai falou: — Filho, obedeça a todas as regras e será feliz na vida, — ao que respondi com um apressado: — Certo, papai. Indo para o avião, eu me ri: — Papai, o senhor tornou a trocar as bolas, querendo dizer: “Obedeça a todas as regras e será feliz na missão”, e arqueei seu conselho no subconsciente.

Sete meses depois, meu pai estava morto.

Naquelas primeiras horas angustiantes depois de o presidente da missão me comunicar o trágico acidente de avião, sentia-me como o sujeito que tem o demônio num ombro e no outro um anjo. Dizia o demônio: “O que está fazendo aqui? Toda essa conversa de vida após a morte é balela. Você vai fazer missão e o que acontece? Sofre uma fratura; acaba no hospital; vem para um país estranho, com gente estranha e costumes estranhos; e seu pai morre em desastre. É, sem dúvida, o período mais

feliz de sua vida. Totalmente só, a três mil quilômetros de casa.”

Eram pensamentos estranhos para mim. Eu sempre fora um membro fiel da Igreja; no entanto, os pensamentos estavam ali.

O anjo do ombro oposto disse: “Seja forte, élder. Você teve um pai excelente, um grande patriarca que lhe ensinou o evangelho em todas as coisas. Você sabe que a vida eterna é um princípio verdadeiro do evangelho e também que seu pai estará esperando por você. Você tem testemunho do evangelho desde pequeno. Agora não é hora de começar a duvidar.”

Em meio à luta entre dúvida e realidade, ecoaram em minha mente as derradeiras palavras de papai: “Filho, obedeça a todas as regras e será feliz na vida.” Afinal, papai não havia confundido as palavras. Eram um conselho inspirado para me guiar pelo resto da vida. Meu pai viveu conforme ensinava; poucas semanas após sua morte, tornou-se manifesto o pleno testemunho de sua vida.

O problema financeiro tornou-se uma preocupação maior. Eu tinha dinheiro suficiente no banco para me manter durante onze meses e esperava que mamãe pudesse juntar o suficiente para os quatro restantes. Meus planos de cursar a faculdade transformaram-se em esperanças e sonho. Contudo, o Senhor cuida de seus missionários.

Recebi uma carta de mamãe, dizendo que não mais me preocupasse com as finanças. Um senhor entrara em contato com nosso bispo, pergun-

tando se poderia manter-me durante o resto da missão. Não é coisa incomum, pois existem muitas pessoas generosas na Igreja; acontece que aquele senhor disse ao bispo: “Não sou membro de sua Igreja, mas, por respeito e admiração a Horace Rappleye, eu gostaria de financiar a missão de seu filho.” E ele o fez. Durante quinze meses, o dinheiro foi fielmente depositado em minha conta bancária pelo benfeitor anônimo. Ele permanece anônimo até hoje.

A vida de obediência de papai trouxe-lhe bênçãos até depois da morte. Esta se tornou o ponto alto de minha missão. Isto pode soar estranho e eu gostaria de que papai estivesse vivo; mas, a partir daí, minha missão tornou-se um testemunho vivo da vida de meu pai. Logo descobri como é necessário viver “todas as regras”. Não importa quão pequena ou insignificante parecesse a regra, se lhe obedecia, eu era feliz.

Diz-nos o Senhor: “Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

“E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.” (D&C 130: 20-21.)

Esta escritura é verdadeira. Sempre que me sinto deprimido ou infeliz, acabo descobrindo que é porque não estou sendo obediente em todas as coisas. Nesses momentos, ressoa um eco confortador em minha mente: “Filho, obedeça a todas as regras e será feliz na vida.”

---

Você tem consciência de sua singularidade?



# SUA VIDA TEM UM PROPÓSITO

**Bispo H. Burke Peterson**  
Primeiro Conselheiro no Bispado  
Presidente

---

**V**ocês alguma vez já pensaram: “Não sou importante, por isso, o que digo ou faço não será notado. O que poderia oferecer que fizesse alguma diferença? O que posso fazer para realmente ajudar os outros, fazer com que sua vida seja diferente, melhor? Terei de fato algum talento de valor? Poderia fazer algo por alguém em necessidade? Não sou tão especial assim. Se eu não ajudar, aparecerá outra pessoa que fará melhor do que eu.”

Um dos maiores desafios existentes é vencer a sensação de não sermos importantes, nem especiais ou únicos. Vocês imaginam, por um momento que seja, que o Pai Celeste mandaria um de seus filhos a esta terra por acaso, sem possibilidade de um trabalho importante a fazer?

É bem verdade que todos nós temos diferentes características, talentos, personalidade e habilidades. Alguns parecem ter mais, ou pelo menos dotes diferentes que outros. Alguns conseguem notas melhores na escola ou jogam melhor

basquete. Uns são mais altos, baixos, corpulentos ou magros que outros. Sim, até mesmo mais bonitos ou simpáticos. E assim ficamos pensando ou dizendo: “Se eu ao menos fosse como o João, ou então como a Anita, eu poderia fazer algo fantástico, algo que chamasse atenção. Aí, todos haveriam de querer ser iguais a mim. Não seria ótimo?”

Gostariam de que lhes falasse de alguns membros incomuns da Igreja que se tornaram grandes fazendo coisas comuns?

### *Missionários Amigos*

O missionário que prestava testemunho estava de muletas; ferira o joelho num acidente de bicicleta. Queria dizer aos demais missionários o quanto estimava o companheiro, contar-lhes como este lhe ensinara uma nova dimensão do amor. Uns quinze dias antes, sofrera um acidente, e o médico mandou que poupasse a perna. Por isso, o presidente da missão decidiu transferi-lo para não

atrapalhar o trabalho de seu companheiro. Para o que serviria, não podendo nem andar de bicicleta? O companheiro pediu ao presidente que não o transferisse, pois estavam tendo sucesso e ele gostava muito do parceiro acidentado. Encontrariam um meio. "Por favor, deixe-nos tentar!" O presidente da missão concordou com a experiência.

Então o élder de muletas contou como resolveram o problema — seu companheiro rebocou a bicicleta dele com uma corda durante duas semanas por toda a cidade. Disse que isto lhe ensinara o que significa realmente amar o próximo.

Talvez você tenha algo a dar tão simples como amor, dedicação ou trabalho, ou qualquer outra coisa carente na vida de alguém. Experimente. Compartilhe. Você não sabe o que isto poderá fazer por outrem.

#### *Uma Nuca Fraturada*

Em certa cidade do Oeste, um jovem vinha-se preparando havia dezoito anos para sair em missão. Ele estava entusiasmado, bem como seus pais e namorada — agora estava pronto.

Certa noite, ele e alguns amigos se divertiam mergulhando na piscina municipal. No momento em que atingiu a água, percebeu que o ângulo não estava bom. Encontrava-se em apuros. Sua cabeça cindiu a superfície e bateu no fundo com um baque surdo. Imediatamente, perdeu a consciência. Levaram-no cuidadosamente para a beira da piscina, donde foi transportado para o hospital. Após semanas de tratamento, foi informado de que ficaria paraplégico do pescoço para baixo pelo resto da vida. Não conseguia mover um dedo da mão sequer, muito menos braço ou perna. Seu corpo tornar-se-ia uma coisa inútil, e a menos que acontecesse algo incomum, seu espírito também.

Um bispo sábio deu-se conta do problema. Depois de conversar com os pais e o médico, deu-lhe uma designação. Era incrível, irreal, impossível! A tarefa — escrever mensalmente uma carta a cada missionário e jovem convocado ao serviço militar da ala. Estaria o bispo perdendo o juízo ou fora inspirado? Como o rapaz conseguiria escrever, sem ajuda das mãos e dedos? Certas pessoas aprenderam a usar os dedos dos pés, mas nem isso ele podia. Tendo fé no bispo, o rapaz e seus pais se puseram a trabalhar. Levou dias, semanas, meses de esforço desencorajador. Porém, com o tempo começou a funcionar.

Segurando o lápis entre os dentes e movendo a cabeça, ele aprendeu a escrever uma letra, depois uma palavra, uma sentença e finalmente uma página inteira.

Há mais de vinte anos ele vem escrevendo lindas cartas, inspirando milhares de pessoas. O benefício secundário é que seu próprio espírito está excelente. Vale a pena seguir a recomendação de nossos líderes, por mais dura ou difícil que possa parecer? Ele acha que sim. Eu também.

#### *Uma Geração Real*

Meus queridos amigos, vocês são uma geração real. Foram reservados para vir à terra nesta era para um propósito especial. Não apenas alguns, mas todos vocês. Há coisas para cada um de vocês fazerem que ninguém mais poderá realizar tão bem quanto vocês. Se não se prepararem para fazê-las, elas ficarão por fazer. A missão de vocês é única e específica para cada um. Por favor, não façam outro ter de tomar o seu lugar. Se vocês o permitirem, testifico-lhes que nosso Pai nos céus os acompanhará pela jornada da vida, e por inspiração os fará conhecer seu propósito particular aqui.



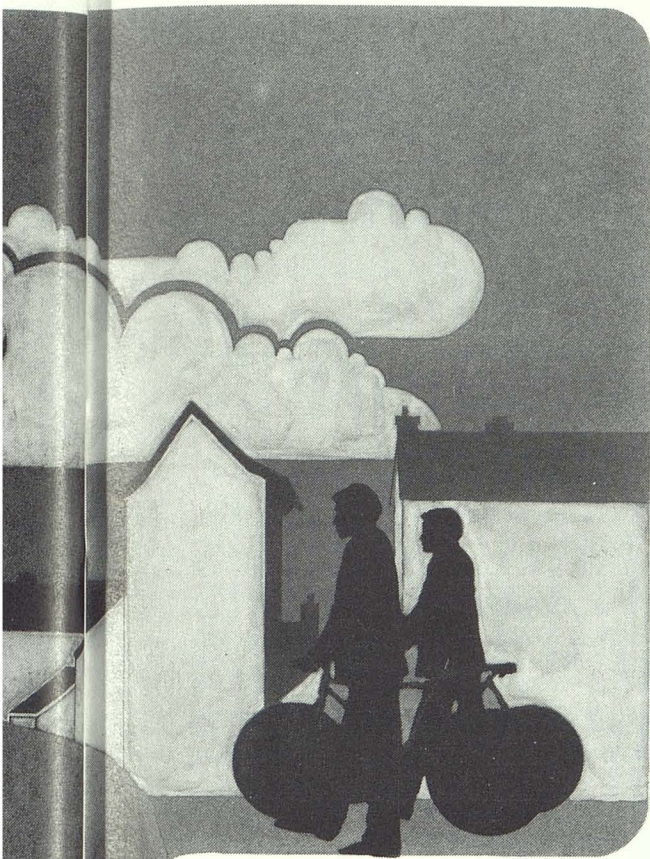
## O PODER DO EXEMPLO

**Élder Charles A. Didier**  
do Primeiro Quorum dos Setenta

**A** campanha tocou. Era tarde da noite. Como não esperávamos ninguém, fiquei imaginando quem seria. Abrindo a porta, deparei, para meu assombro, com os dois missionários que vinham pregando na vizinhança.

Os élderes indagaram se poderiam falar um momento com meus rapazes. Respondi que já estavam dormindo àquela hora. Os missionários se entreolharam, e o companheiro sênior, obviamente reunindo coragem, acabou pedindo-me que transmitisse um recado





aos meus filhos — que se portassem bem na escola, pois estavam ensinando uma coleguinha deles. Era muito importante que eles, os missionários, pudessem contar à jovem pesquisadora que meus garotos eram membros da Igreja, e depois perguntar-lhe se notara alguma diferença neles! Que coisa terrível se meus meninos não se houvessem comportado bem! Prometi aos missionários que transmitiria o recado e discutiria o desafio com meus garotos.

Os élderes partiram sossegados, e ao fechar a porta, lembrei-me de repente de uma escritura que usara com frequência nos últimos anos em reuniões com missionários “Ide... para dar-lhes bons exemplos em mim; e eu farei de vós instrumentos em minhas mãos para salvar muitas almas.” (Alma 17:11.)

Faz mais de trinta anos que tenho contato com missionários. Que grande influência e exemplo eles têm sido em minha vida! Eu tinha dezesseis anos, quando os encontrei pela primeira vez. Nós, os filhos, costumávamos ficar sentados com mamãe junto à janela da frente no verão, vendo e cumprimentando vizinhos e amigos que passavam. Naquele dia, notamos dois rapazes bem diferentes dos outros empurrando suas bicicletas morro acima. Deduzimos que deviam ser americanos. Estávamos intrigados. O que estariam fazendo em nossa cidade?

No dia seguinte, bateram à nossa porta. Nós quatro saímos correndo para satisfazer nossa curiosidade. Fazendo-os entrar, logo descobrimos quem eram e ao que vinham. Foi o começo de uma velha história. Seu sorriso, amor, entusiasmo, desejo de ajudar e servir, obediência aos mandamentos e afeto ao Senhor nos impressionaram grandemente. Passamos a aguardá-los com ansiedade. Não só nos ensinaram a respeito dos índios e Livro de Mórmon, como também compartilhavam seus talentos artísticos e esportivos. Ali teve início uma amizade eterna.

E aqui estou, trinta anos depois. Devido ao exemplo daqueles excelentes rapazes, minha perspectiva de vida mudou. Obtive um testemunho do evangelho restaurado de Jesus Cristo; aprendi a viver segundo os mandamentos do Deus vivo; adoro poder seguir um profeta moderno e saber que suas palavras provêm dos Céus.

Agora tenho a responsabilidade de cuidar de que essa corrente não se par-

ta, a eterna corrente criada pelo próprio Jesus Cristo: "Este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis, porque fareis aquilo que me vistes fazer." (3 Néfi 27:21.)

A influência e exemplo de vocês, jovens da Igreja, pode tornar-se o fator determinante na conversão ou falta de interesse de alguém pela mensagem do evangelho restaurado. Cuidem de sua aparência física, pensamentos, linguagem e ações.

Está na hora de se preparar para serem chamados para uma missão e é melhor começarem já. Quanto mais moço se é, mais fácil se torna adquirir bons hábitos. Diz William James: "Uma ação repetida torna-se em hábito; uma série de hábitos forma o caráter; e o caráter determina o destino." E não é apenas o nosso destino que está em jogo, como também o de nosso próximo e amigos.

Sei muito bem o que dois rapazes podem fazer pelo trabalho missionário. Quão importante deve ter sido para Joseph Smith, na mesma idade dos meus garotos, ser um exemplo tão bom, que sua obra pudesse ser reconhecida pelos frutos. Em verdade, Joseph Smith é um dos grandes exemplos de fé da qual a existência da Igreja hoje é um produto.

O poder do exemplo é um forte motivador. Sabemos que nos faz reconhecer nossa força de conversão e como usá-la de maneira divina. Cristo nos disse: "Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens." (Mat. 4:19.)

# DECIDA AGORA NÃO TRANSIGIR

Archie M. Brugger

No Vietnam, a ofensiva estava no auge quando recebi ordens de me apresentar na Coreia como novo chefe dos Serviços Auxiliares de Cirurgia do Exército dos Estados Unidos e Forças das Nações Unidas. Estava nesse serviço havia um mês apenas, quando chegou ao mesmo comando um enfermeiro tão jovem quanto a maioria dos soldados com quem lidava diariamente.

Fiquei surpreso, quando um dia quis conversar comigo a sós.

— Coronel, pelo que vejo só existem seis homens "direitos" neste comando. Entre estes, quem mais admiro é o senhor. Meu maior desejo é voltar puro para minha mulher e filhos, mas tenho medo de não possuir a coragem e força necessárias. O senhor pretende continuar direito? Como vai consegui-lo?

Sua franqueza me deixou um pouco perplexo, porém eu sabia a resposta. Enfrentara idêntica decisão e encontrara essa resposta muito antes de chegar ao Extremo Oriente. Disse-lhe que continuaria direito durante toda minha permanência na Coreia e para sempre. Disse também que não conhecia o limite de minha

força, pois evitava colocar-me em posição de ser tentado, e ainda que não anestesiava minha consciência com bebida.

A seguir, prestei testemunho das atividades ligadas à Igreja nas minhas horas de folga, observando que eram um meio saudável de me manter ocupado.

No decorrer da conversa, percebi que aquele moço amava profundamente sua esposa. Disse-lhe que, se perdesse a virtude, isto transpareceria imediatamente nas cartas, começando a formar uma barreira entre eles. Reconheceu que eu tinha razão. Ambos víamos isso acontecer na vida de amigos incastos. Então fizemos um contrato. Ele prometeu conservar-se casto enquanto eu fizesse o mesmo. Tentamos incluir outros no acordo, mas ninguém acedeu.

Uns dois meses mais tarde, meu amigo voltou ao meu gabinete.

— Bem, coronel, agora só restam quatro homens direitos nesta unidade. Pouco depois eram só três. Quando faltavam apenas quatro meses para eu dar baixa, ele apareceu um dia, dizendo:

— Agora somos só nós dois.

Perguntei se ele ia conseguir. Sua resposta: — Decididamente.

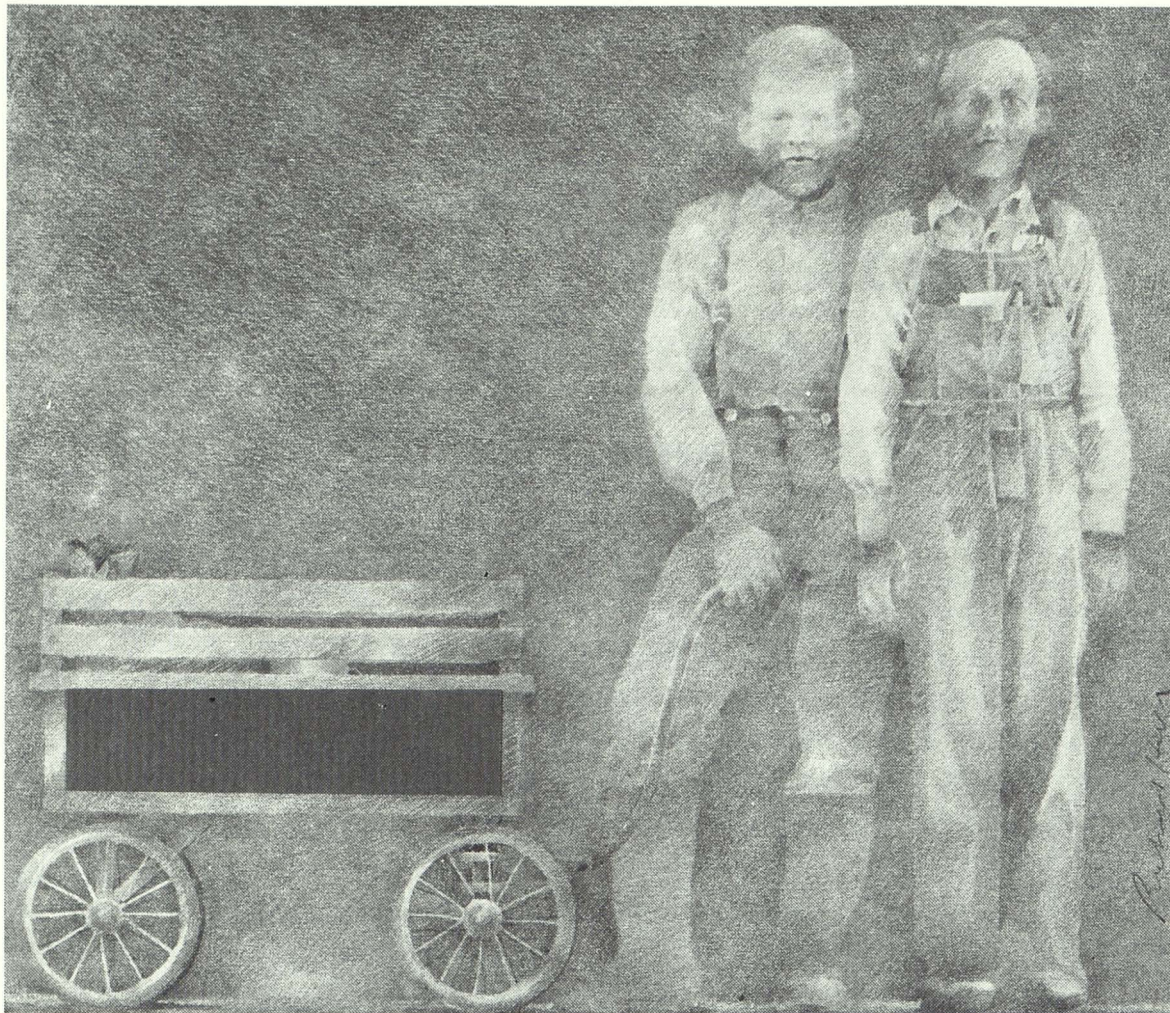
Quando chegou a hora de eu partir para os Estados Unidos, faltava ainda um mês para meu amigo reencontrar-se com a esposa. Havíamos falado muito a respeito do evangelho e nossa amizade era forte. Ambos

choramos na despedida. Assegurou-me que naquele último mês não faria nada que pusesse em risco sua felicidade, não agora quando estava tão próximo de alcançar a meta.

Mesmo não sendo membro da Igreja, aquele moço entendia algumas lições profundas da vida. Conhecia a necessidade de se estabelecer u'a meta para alcançá-la. Voltar para casa limpo e puro exigia muito esforço, mas estava disposto a isso. Era também suficientemente humilde para revelar seu objetivo a outra pessoa, a fim de contar com alguém que o fortalecesse num momento de fraqueza.

O Salvador gostaria de um relacionamento semelhante com aqueles a quem ama. Ele quer que estabeleçamos metas elevadas, fundadas em seus mandamentos. Nós podemos planejar com ele, de antemão, o que pretendemos alcançar e depois examinar nossas metas com ele regularmente em oração. Muitos dos outros soldados de nossa unidade pensaram em ser direitos. Todavia, o meu amigo e eu fomos os únicos que o conseguimos, e isso por uma única razão. Os outros sucumbiram num momento de fraqueza. Nós atingimos nossa meta por traçarmos nosso rumo com antecedência.

Decidir-se na hora da tentação é tarde demais. Para não comprometer nossos ideais, temos de fazê-lo com antecedência. Assim, na hora da tentação, basta perguntar: "É uma transigência?" Se for, a decisão correta já foi tomada.



O que fazia um diácono no começo do século? Um deles ainda se lembra. E sua história deve interessar os portadores modernos do Sacerdócio Aarônico.

## UM CARRINHO CHEIO DE OFERTAS DE JEJUM

Chris Jensen

**M**enos de dez minutos após ser ordenado diácono, recebi minha primeira designação.

Fui ordenado por meu pai, assistido pelo bispo, um conselheiro e o supervisor dos diáconos. Após a ordenação, todos se congratularam comigo e me deram conselhos. Entre-

tanto, quando chegou a vez do supervisor, ele não conversou muito, apenas falou:

— Agora vou dar-lhe a primeira designação como diácono. No próximo sábado, você irá recolher ofertas de jejum com Fred Edwards. Encontre o Fred na casa do Irmão Pehrson,

às dez da manhã. Se não ficarem fazendo hora, terão terminado a tarefa ao meio-dia.

Então ele me acompanhou até a sala de aula dos diáconos. Naquele tempo, a reunião do sacerdócio era nas segundas-feiras à noite. Terminada a reunião, fui correndo para casa a fim de contar à mamãe. Esta imediatamente se pôs a planejar:

— Vá buscar sua camisa branca lá na canastra. Preciso lavar e passá-la antes de sábado. Você poderá usar seu macacão novo que compramos na semana passada. E se não chover até lá, você pode usar os sapatos de domingo.

Como o sábado demorou a chegar! Metade do tempo eu me sentia entusiasmado, o resto um pouco temeroso. Esperava que os membros não pensassem que eu estava esmolando, quando fosse pedir as ofertas de jejum.

Naquele tempo, as ofertas de jejum (e o dízimo) eram muitas vezes pagas em espécie, quer dizer em ovos, manteiga, farinha de trigo, pão, hortaliças ou outra coisa qualquer que os membros plantavam ou produziam. Essas ofertas em espécie eram entregues no depósito central conhecido como armazém do bispo, para dali serem distribuídas aos necessitados.

Embora fossem só três quartos até a casa do Irmão Pehrson e eu devesse estar lá às dez, mamãe já me acordara às sete naquele sábado. Primeiro me fez tomar o banho usualmente reservado para a tarde. A seguir, tive de lustrar os sapatos, mas não me deixou calçá-los nem vestir o macacão até na hora de sair. En-

vergando a camisa engomada, o macacão novo e os sapatos apertados de domingo, pensei estar preparado. Mas não, ela ainda me fez usar uma gravata!

Nenhuma revista militar poderia ser mais rigorosa do que aquela a que fui submetido. As orelhas foram inspecionadas por dentro e por fora, e o cabelo alisado repetidas vezes. E fiquei ali parado, sorrindo forçadamente, enquanto ela inspecionava meus dentes.

— Tome cuidado com seu macacão, — avisou, quando saí pela porta. — Não derrame farinha nele. Não esqueça de ser cortês. Diga “por favor”, quando pedir as ofertas e depois “obrigado”, quando as entregarem. Se alguém o convidar para entrar, não se esqueça de tirar o boné e lembre-se de alisar o cabelo de vez em quando. E se a Irmã Schultz estiver em casa, pergunte se ela tem alguma coisa que vocês possam fazer. Procure estar de volta até o meio-dia; hoje temos muito trabalho.

Fred já estava na casa do Irmão Pehrson quando cheguei. Trouxera seu carrinho de mão para transportar as ofertas. O Irmão Pehrson nos mandou entrar e entregou ao Fred uma caderneta, um saco de farinha vazio e uma caneca enorme.

— Isto serve como medida, — explicou. — A maioria dos membros vai dar farinha de trigo, e nesta caneca cabe exatamente um quilo. Assim, quando eles a enchem de trigo, vocês a despejam no saco e anotam um quilo na caderneta. Se derem mais alguma coisa como ovos ou manteiga, anatem a quantidade. Alistem todos os nomes, estejam em

casa ou não. Se alguém não estiver em casa, pode ser que no mês que vem esteja e quererá doar o dobro.

Fred guardou a caderneta e lápis no bolso da camisa e o saco vazio no carrinho. Como Fred era o sênior da dupla (era diácono havia quatro meses), cabia a mim puxar o carrinho.

A primeira casa a que deveríamos ir era do Irmão John Anderson, logo adiante. Fred abriu o portão e eu puxei o carrinho até a porta da frente. Quem atendeu foi a Irmã Anderson.

— O diácono júnior costuma anotar as ofertas além de puxar o carrinho.

— Mas minha letra não é tão boa quanto a sua, — protestei.

— Ora, escreva devagar e caprichando para poder ser lido, e cuide de escrever os nomes direito, — respondeu indiferente.

A seguir, foi a vez da casa da viúva Mary Olsen. Convidou-nos a entrar e nos fez sentar nas melhores cadeiras da sala. Da estante de livros, ela tirou duas fotografias.

---

**Envergando a camisa engomada, o macacão novo e os sapatos apertados de domingo, pensei estar preparado. Mas não, ela ainda me fez usar uma gravata! Nenhuma revista militar poderia ser mais rigorosa do que aquela a que fui submetido.**

---

— Ora, ora, temos um novo diácono, não é? — comentou, ao pegar a medida das mãos de Fred. — Como está sua família, Chris? E a sua, Fred?

Antes de podermos responder, ela foi para dentro, depois voltou com a medida cheia de farinha de trigo. Fred pegou a caderneta e anotou: Irmã John Anderson — um quilo de farinha. Quando chegamos novamente à calçada, Fred disse:

— Agora você viu como se faz, — entregando-me caderneta e lápis.

— Estes são meus dois filhos. Ambos são casados e não moram mais aqui. Eles foram diáconos como vocês e costumavam coletar ofertas de jejum todos os meses. Eu tinha muito orgulho deles.

Voltando da cozinha, trouxe a medida cheia de farinha e meio pãozinho doce para cada um de nós.

— Vocês podem comer isto, quando estiverem lá fora, para não derubar migalhas no tapete.

Acompanhou-nos até o carrinho, carregando a medida cheia de fari-

nha que despejou no saco, despedindo-se: — Até o mês que vem.

Apoiando a caderneta num mouro de cerca, escrevi com todo cuidado em letras enormes: Irmã Mary Olsen — 1 quilo de farinha.

Bati na porta seguinte. Era a casa de Carl Christensen. Quem atendeu à porta foi Ruby, minha colega de classe da escola.

— Mamãe não está, — informou, espiando pela fresta. A seguir, fechou a porta com estrondo, antes de eu poder dizer qualquer coisa.

— Anote aí que a Irmã Christensen não estava em casa, — falou o Fred. — Tenho certeza de que, no mês que vem, ela nos dá duas medidas. — Então acrescentou inesperadamente: — Vamos atravessar a rua e falar com o Sr. Simpson.

— Mas ele não é membro, — repliquei.

— É um velhinho simpático e gosto de conversar com ele. Além disso, ele sempre tem alguma coisa para a gente.

Eu não havia falado com o Sr. Simpson. Na verdade, tinha até um pouco de medo dele. O terreno dele era cercado por uma cerca bem alta e fechada, ninguém conseguia enxergar lá dentro. Mas eu sabia que tinha um cachorro que latia muito alto.

Fred bateu à porta e uma voz áspera respondeu: — Entre!

Fred abriu a porta e nós entramos. O Sr. Simpson estava sentado no fundo da sala, apoiando o braço na mesa forrada de oleado. Ao lado

tinha o maior cachorro preto que eu já vira. O cão rosou ameaçador e começou a levantar-se, mas o velho ordenou: “Quieto, Satã!” (Só muitos anos mais tarde é que vim a saber que Satã quer dizer Satanás. Era, sem dúvida, o nome certo para ele.)

— Quem é o seu amigo, aí? — perguntou.

— É o Chris. Está-me ajudando a coletar ofertas de jejum.

— Como vai? — disse eu, sentando-me na beirada de uma cadeira. Fred já estava comodamente aboletado numa enorme cadeira de balanço.

Pus-me a olhar para o teto, depois examinei o tapete e o resto da sala. Pendurada à parede, acima da mesa, havia uma espingarda enorme de mecanismo totalmente estranho para mim. O Sr. Simpson percebeu meu interesse.

— Está é uma arma de carregar pela boca, — explicou. — Era usada no tempo da Guerra Civil.

GUERRA CIVIL! Era como uma coisa acontecida há centenas de anos. Na verdade, fazia apenas cinqüenta.

Fascinado pela arma, quase me esqueci de nossa tarefa. Porém, lembrando-me a tempo, disse ao Fred: — Acho melhor a gente acabar de coletar as ofertas.

— Voltem quando quiserem, — convidou o Sr. Simpson, quando saíamos. (E eu o fiz, muitas vezes.)

— Aqui, dêem isto ao Alf, — acrescentou, entregando-nos uma moeda de vinte e cinco centavos de dólar. — Não precisam anotar.

Como sabem, não sou membro da sua igreja.

— Quem é Alf? — perguntei ao Fred, enquanto atravessávamos a rua.

— É o Irmão Pehrson. Ele se chama Alfred.

Então chegamos à casa de Ed Peterson. A Irmã Peterson nos entregou um saquinho, dizendo:

— Aqui têm uma dúzia de ovos. Eles ajudarão mais uma pessoa necessitada do que uma porção de farinha. Tomem cuidado, não os deixem cair, — advertiu.

---

**Como Fred  
era o sênior  
da dupla  
(era diácono  
há quatro meses),  
cabia a  
mim puxar o  
carrinho.**

---

O seguinte da lista era John Jacobsen e sua esposa. Eram recém-casados e embora aparentassem mais idade, deviam ter vinte e poucos anos. Ela atendeu à porta com o vestido mais bonito que eu já vira e deu-nos algo embrulhado num pedaço de pano.

— É um pão que acabei de assar, — explicou.

Exalava um aroma delicioso e eu pude sentir sua quentura através do pano. Esperava que o usassem para o sacramento no domingo.

A lista continuava com George Peterson e Jorgen Olsen. Ambos deram farinha de trigo. A última casa era a da Irmã Sena Schultz. Mamãe me mandara perguntar se poderíamos ajudá-la, mas antes de eu poder falar, ela disse:

— Entrem, rapazes. Eu de fato tenho algo para vocês, mas antes disso, querem fazer-me um favorzinho?

— Certamente. O que é?

— Um de meus cordeirinhos fugiu do cercado e não consigo pegá-lo sozinha, Agora, Fred, se você for para o canto de lá do quintal, e você, Chris, para o de cá, conseguiremos fazê-lo voltar para o cercado. Fred e eu começamos a agitar os braços e gritar. A Irmã Schultz abanava o avental dizendo: “Xô, xô!”

O cordeirinho parece que achava que queríamos brincar com ele. Corria de um lado para o outro do terreno, dando pinotes no ar. Levamos uma meia-hora para fazê-lo voltar ao cercado. Então a Irmã Schultz trouxe umas ripas e um martelo com os quais Fred consertou a cerca.

— Muito obrigada, rapazes, — observou agradecida. — Agora, se vocês me cortarem um pouco de lenha fina para acender o fogo, vou fazer alguns “waffles” como recompensa.

Nós agradecemos e explicamos que, além de terminar a coleta, tínhamos trabalho esperando por nós em casa.

— Então esperem um minuto, quase que esqueço uma coisa, — tirando do bolso do avental um enve-

lope dobrado e amarrado com um cordão, no qual estava escrito: "Dez centavos de oferta de jejum de Sena Schultz."

— Ela sempre encontra alguma coisa para a gente fazer, — comentou Fred, enquanto voltávamos para a casa do Irmão Pehrson. Este verificou nossas anotações:

— Vejamos, quatro quilos de farinha de trigo, doze ovos, um pão fresco e trinta e cinco centavos em dinheiro. Eu diria que se saíram bem. Estou certo de que as pessoas necessitadas ficarão muito gratas a vocês pela coleta.

Depois, gritou para o outro cômodo: — Mãe, não acha que dois diáconos que deram duro merecem uma recompensa?

Num instante, apareceu a Irmã Pehrson com um prato de biscoitos e uma jarra de leite e dois copos. Botou tudo na mesa e mandou que nos servissemos.

Despedi-me, depois, do Fred, e corri para casa.

— Como foi? — perguntou mãe, assim que cheguei.

— Bem, — respondi.

Mas ela não se deu por satisfeita. Tive que contar tudo, tintim por tintim. Ficou particularmente satisfeita, quando falei da Irmã Schultz e seu cordeiro. (Naquela noite, quando papai voltou da lavoura, tive que repetir toda a história.)

— Mas agora, — disse subitamente, — vá tirar essa camisa branca. Se não estiver muito suja, poderá usá-la amanhã para distribuir o sacramento. E tire o pó dos sapatos novos e ponha roupas velhas. Lembre-se de que você não acabou suas tarefas antes de sair pela manhã.

Assim terminou meu primeiro dia coletando ofertas de jejum com um carrinho de mão. Há sessenta e dois anos.

---

## A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA ANUNCIA A APROVAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE SETE NOVOS TEMPLOS

A Primeira Presidência anunciou sua aprovação para o prosseguimento dos planos de sete novos templos, este ano.

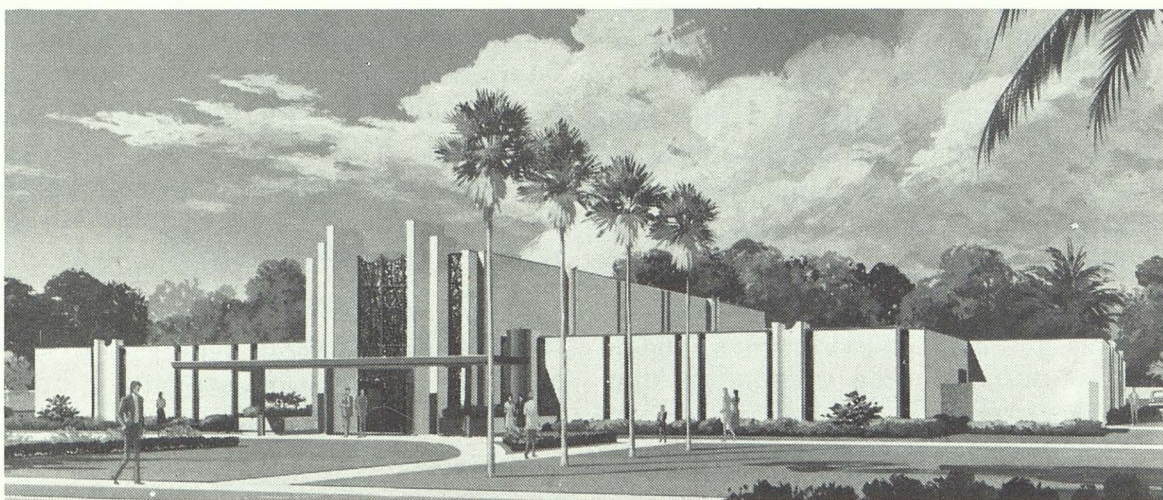
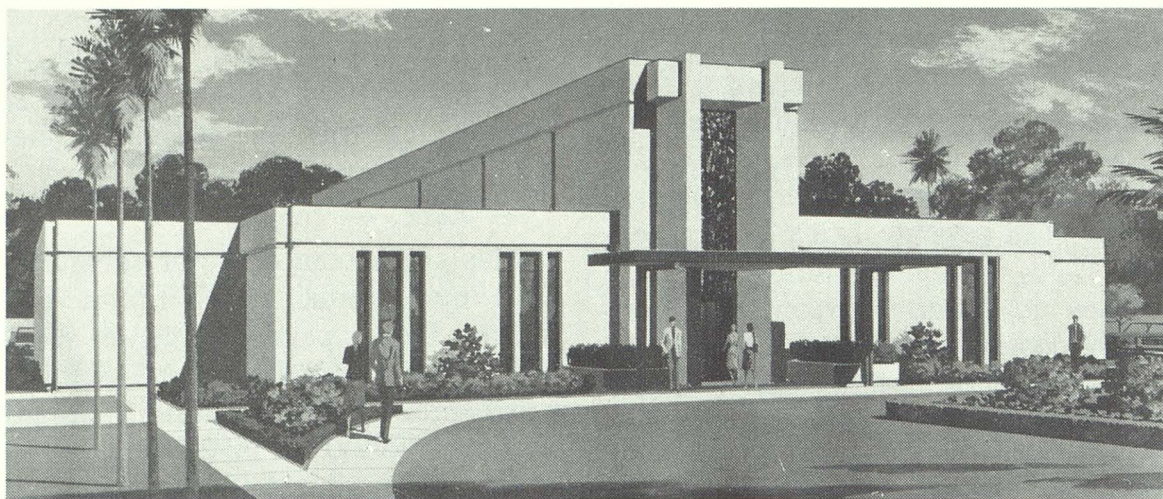
Um dos templos será em Atlanta, Geórgia, nos EUA, e os outros em Buenos Aires, Argentina; Sydney, Austrália; Santiago, Chile; Papeete, Taiti; Nuku'alofa, Tonga; e Apia, Samoa Ocidental, disse a Primeira Presidência.

A Primeira Presidência havia anunciado planos para a construção de um templo em Pago Pago, Samoa Americana. Ele deveria localizar-se ali por ser um centro de transporte aéreo no Pacífico Sul e local mais conveniente para os membros da Igreja em outras Ilhas do Pacífico. Visto que serão construídos templos em três outras áreas das Ilhas do Pacífico, a localização do Templo Samoano foi mudada de Pago Pago para Apia, que servirá melhor às necessidades dos santos samoanos.

Existem dezessete templos funcionando em todo o mundo; quatro outros acham-se em construção.

Os novos templos não serão tão grandes como os já existentes, mas terão dependências adequadas para a realização de todas as ordenanças necessárias.

A criação de novos distritos dos templos colocará sobre os líderes e membros da Igreja uma responsabilidade ainda maior, no que se refere à preparação para a frequência regular ao templo e à expansão de seus esforços relativos à pesquisa genealógica.



**A apresentação pelo Arquiteto da Igreja, Emil B. Fetzer, mostra o protótipo dos novos templos que estão sendo planejados para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a fim de serem construídos em partes longínquas do mundo. Três planos de desenho e planta semelhantes, mas de tamanhos diferentes, serão adaptados conforme exigirem as necessidades.**

# ESTACAS E MISSÕES NO BRASIL

## ESTACA ARARAQUARA

R. Voluntários da Pátria, 1219  
14.800 - Araraquara - SP

## ESTACA CAMPINAS

R. Albano de Almeida Lima, 669  
Castelo  
13.100 - Campinas - SP

## ESTACA CURITIBA

R. Marechal Deodoro, 503  
80.000 - Curitiba - PR

## ESTACA CURITIBA NORTE

R. Marechal Deodoro, 503  
80.000 - Curitiba - PR

## ESTACA CURITIBA SUL

Av. Iguaçú, 1836  
80.000 - Curitiba - PR

## ESTACA LONDRINA

R. Belo Horizonte, 1236  
86.100 - Londrina - PR

## ESTACA NOVO HAMBURGO

R. Júlio Aischinger, 80 - Centro  
93.300 - Novo Hamburgo - RS

## ESTACA PORTO ALEGRE

R. Princesa Isabel, 300 - Santana  
90.000 - Porto Alegre - RS

## ESTACA RIO DE JANEIRO

R. Silva Teles, 99 - Andaraí  
20.541 - Rio de Janeiro - RJ

## ESTACA

### RIO DE JANEIRO ANDARAÍ

R. Silva Teles, 99 - Andaraí  
20.541 - Rio de Janeiro - RJ

## ESTACA

### RIO DE JANEIRO NITERÓI

R. Miguel Couto, 418 - S. Rosa  
24.230 - Niterói - RJ

## ESTACA SANTOS

Av. Waldemar Leão, 305 - Jabaquara  
11.100 - Santos - SP

## ESTACA SÃO PAULO

Av. Prof. Francisco Morato, 2430  
Caxingui  
05512 - São Paulo - SP

## ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Mauricio Klabin, 92 - V. Mariana  
04120 - São Paulo - SP

## ESTACA SÃO PAULO NORTE

Av. N. Cantareira, 1146 - Tucuruvi  
02330 - São Paulo - SP

## ESTACA SÃO PAULO OESTE

R. Ibituruna, 82 - Bosque  
04624 - São Paulo - SP

## SÃO PAULO SANTO AMARO ESTACA

R. Castel Gandolfo, 504  
04735 - São Paulo - SP

## ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432  
09000 - Santo Amaro - SP

## ESTACA SOROCABA

R. Visconde do Rio Branco, 290  
18.100 - Sorocaba - SP

## MISSÃO

### BRASIL PORTO ALEGRE

R. Princesa Isabel, 342 - Santana  
90.000 - Porto Alegre - RS

## MISSÃO BRASIL RECIFE

R. Prof. Augusto Lins Silva, 308  
conj. 701 - Boa Viagem  
50.000 - Recife - PE

## MISSÃO

### BRASIL RIO DE JANEIRO

R. Stefan Zweig, 158 - Laranjeiras  
20.010 - Rio de Janeiro - RJ

## MISSÃO

### BRASIL SÃO PAULO NORTE

Av. Prof. Francisco Morato, 2430  
Caxingui

05512 - São Paulo - SP

## MISSÃO

### BRASIL SÃO PAULO SUL

Av. Afonso R. Fagundes, 1061  
04054 - São Paulo - SP

## EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

Av. Prof. Francisco Morato, 2430  
Fone: 814-2277 (PABX)  
Caxingui - Cx. Postal 26023  
05512 - São Paulo - SP

W.D.S. CHURCH  
TRANSLATION SERVICES DEPT.  
LIBRARY

JUL 02 1980

